



AJUDA ALIMENTAR DOS EUA: REDUZINDO A FOME NO MUNDO



Sobre Esta Edição

Você provavelmente não está com fome — não realmente faminto, não com o tipo de fome que causa letargia nas pessoas, tornando-as vulneráveis a doenças, que podem inclusive ser fatais.

Você provavelmente não está com fome — não realmente faminto, não com o tipo de fome que causa letargia nas pessoas, tornando-as vulneráveis a doenças, que podem inclusive ser fatais.

No entanto, algo como 850 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de fome e desnutrição. Em 1996, na Cúpula Mundial de Alimentação, os líderes se comprometeram a reduzir pela metade o número de pessoas famintas até 2015.

Parece improvável que isso aconteça, embora os agricultores produzam alimentos em quantidade um pouco maior que o suficiente para alimentar o mundo.

A Revolução Verde do século 20 aumentou a disponibilidade de milho, arroz e trigo de alto rendimento nos países em desenvolvimento, o que provavelmente salvou da fome muitas pessoas. Não sabemos se a ciência pode encontrar novas formas de aumentar o abastecimento mundial de alimentos em ritmo mais rápido que o do crescimento populacional no mundo. A biotecnologia é uma esperança do século 21.

Os profissionais de organizações governamentais e não-governamentais trabalham arduamente para saciar os que têm fome com o excedente de alimentos existente no mundo, que no entanto vem decrescendo. O governo dos Estados Unidos, de longe o maior doador de ajuda alimentar, visa, em primeiro lugar, salvar a vida das pessoas famintas e, segundo, melhorar sua condição de vida para que possam se alimentar por conta própria.

Tanto nos países doadores como nos beneficiários, muitos são os obstáculos encontrados, inclusive doenças, desastres naturais, como enchentes, ou causados pelo homem, como a guerra, e políticas públicas falhas influenciadas pela política.

Esses países estão lutando contra os obstáculos para reduzir a fome. É preciso vontade política para vencer desafios políticos. Esse é um bom assunto para se pensar.

— *Os editores*



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / SETEMBRO DE 2007 / VOLUME 12 / NÚMERO 9

<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

Ajuda Alimentar dos EUA: Reduzindo a Fome no Mundo

4 Trabalho Conjunto para Acabar com a Fome

ALAN LARSON, ASSESSOR SÊNIOR DE POLÍTICA INTERNACIONAL, COVINGTON AND BURLING LLP
Para acabar com a fome e a desnutrição é preciso que países desenvolvidos e em desenvolvimento adotem as decisões políticas corretas.

7 A Revolução Verde

EXTRAÍDO DE PALESTRA PROFERIDA NO INSTITUTO NOBEL POR NORMAN BORLAUG
A Revolução Verde ganhou uma batalha na guerra do homem contra a fome e a privação.

8 Biotecnologia para Alimentar os Famintos

RACHEL CHEATHAM E ANDREW BENSON, CONSELHO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO ALIMENTAR
Dada a limitação de terras e as dificuldades de cultivar alimentos em áreas áridas, infestadas e de água salobra, a biotecnologia oferece uma abordagem promissora.

9 Como Quebrar o Ciclo da Fome

ENTREVISTA COM JOSETTE SHEERAN, DIRETORA EXECUTIVA DO PROGRAMA MUNDIAL DE ALIMENTAÇÃO DA ONU
Meios para cortar pela metade o número de pessoas com fome existem; o que falta é vontade política.

12 Gestão Diplomática da Ajuda dos Estados Unidos aos Que Têm Fome

EMBAIXADOR GADDI H. VASQUEZ
A missão dos EUA junto às agências das Nações Unidas em Roma trabalha intensamente para reduzir a fome no mundo.

13 Principais Agentes da Ajuda Alimentar

ANGELA RUCKER, AGÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL
Fazer com que a produção agrícola dos EUA chegue aos destinatários da ajuda alimentar no mundo em desenvolvimento exige os mais diversos agentes.

16 O Agricultor Americano e a Ajuda Alimentar dos EUA

BRUCE ODESSEY, EDITOR-GERENTE DA eJOURNAL USA
O Congresso está discutindo em seu projeto de lei agrícola de cinco anos se permitirá que parte da ajuda alimentar seja adquirida de mercados locais em vez de produtores americanos apenas.

19 Fome: Encarando os Fatos

BOB BELL, DAVID KAUCK, MARIANNE LEACH E PRIYA SAMPATH, CARE
A ajuda alimentar auxilia em emergências, mas são necessárias soluções sustentáveis e de longo prazo

para que possamos alcançar a meta internacional de reduzir pela metade o número de pessoas que passam fome.

24 Tripla Ameaça na África Austral

JORDAN DEY, DIRETOR DE RELAÇÕES DOS EUA,
PROGRAMA MUNDIAL DE ALIMENTAÇÃO DAS
NAÇÕES UNIDAS

Na África Austral, o HIV/Aids deixa os agricultores doentes demais para produzir alimentos. Os países doadores podem aumentar a eficácia dos remédios que distribuem fornecendo alimentos suficientes às famílias atingidas.

28 Ajuda a Criadores de Rebanho no Chifre da África

ANNE MARIE DEL CASTILLO E JOHN GRAHAM,
ASSESSORES DE POLÍTICAS, AGÊNCIA DOS
ESTADOS UNIDOS PARA O DESENVOLVIMENTO

INTERNACIONAL

Na Etiópia, uma colaboração inovadora permitiu que pastores não somente sobrevivessem à seca, mas também reconstruíssem suas vidas.

32 Enfrentando a Desnutrição Infantil na Costa de Bangladesh

INA SCHONBERG, VICE-PRESIDENTE ASSOCIADA,
SAVE THE CHILDREN

Tanto a ajuda alimentar quanto a ajuda em dinheiro são necessárias indefinidamente em Bangladesh, país onde cerca de metade dos 133 milhões de pessoas não tem uma alimentação adequada.

36 Recursos Adicionais

Vídeo On-line

"Acabe com a Fome Infantil",

Vencedor de 2006 do concurso de vídeo promovido pelo Programa Mundial de Alimentação das Nações Unidas

Copyright © 2007 Kristen Palana. Usado com permissão.

"Crianças Combatem a Fome"

Uma produção da United Methodist Communications.

Usado com permissão.

<http://usinfo.state.gov/journals/ires/0907/ijee/ijee0907.htm>

Trabalho Conjunto para Acabar com a Fome

Alan Larson



Cortesia: Centro Africano de Pesquisa e Desenvolvimento do Arroz, Warda

Tecnologia de alimentos avançada é compartilhada com países em desenvolvimento como esse, Gâmbia, em que agricultores avaliam variedades de arroz

Acabar com a fome e a desnutrição é uma meta viável, mas somente se os governos de países desenvolvidos e em desenvolvimento adotarem as decisões políticas corretas.

Alan Larson, ex-subsecretário de Estado para Assuntos Econômicos e Comerciais, é assessor sênior de Política Internacional do escritório de advocacia Covington and Burling, em Washington, D.C., e diretor da organização filantrópica Pão para o Mundo.

Não há meta mais importante no mundo do que acabar com a fome. Mais de 800 milhões de pessoas no mundo inteiro passam fome ou são desnutridas. Uma grande porcentagem desse número é de crianças.

A desnutrição infantil é especialmente trágica. Ela pode causar danos ao cérebro, tornando as pessoas incapazes de atingir sua plena potencialidade de forma irreversível.

A segurança alimentar é uma necessidade tão básica

que nem as famílias nem os países podem enfrentar outros desafios de forma eficaz se não tiverem comida suficiente. A fome e a desnutrição precisam ser debeladas para que se possam fazer avanços permanentes nas áreas de educação, saúde e meio ambiente.

Os americanos de todos os segmentos políticos têm grande empenho em solucionar o problema da fome. Resolver a questão da fome tem sido prioridade máxima tanto de governos democratas quanto de republicanos. Há anos, os Estados Unidos vêm sendo o maior fornecedor de ajuda alimentar e o maior doador do Programa Mundial de Alimentação da ONU.

Universidades e cientistas americanos compartilham esse compromisso. Desde que Norman Borlaug recebeu o Prêmio Nobel da Paz por um trabalho que levou à Revolução Verde, universidades americanas criaram uma linha de cientistas dedicados a acabar com a fome no mundo. Os cidadãos



Cortesia: Keith Urse/UNWFP

O Programa Mundial de Alimentação das Nações Unidas trabalha com rapidez na entrega de alimentos em emergências, como por ocasião do terremoto no Paquistão, em 2005

americanos concedem generosas contribuições a organizações não-governamentais (ONGs) que distribuem alimentos no exterior e a grupos engajados no combate à fome, como o Pão para o Mundo.

META VIÁVEL

De todos os grandes desafios enfrentados pelo mundo atual, acabar com a fome pode ser um dos mais viáveis. Não há escassez mundial de alimentos. Não há dúvidas sobre a capacidade de continuar a produzir quantidade suficiente de alimentos de alta qualidade para atender às necessidades da população mundial.

Mais exatamente, a fome decorre de problemas políticos. Guerras e conflitos civis deixam mulheres e crianças vulneráveis, sem acesso aos alimentos. Por vezes, a assistência alimentar emergencial é muito pouca, muito demorada ou pouco eficiente para suprir essas necessidades.

Nem sempre a ciência e a tecnologia conseguiram atender às necessidades agrícolas específicas dos países em desenvolvimento. Muitas vezes, os doadores internacionais não subsidiaram de forma suficiente os esforços para ajudar os países em desenvolvimento a aumentar sua produtividade agrícola e promover o desenvolvimento rural. Muitas vezes, os países em desenvolvimento proibiram o uso de novas tecnologias, como a biotecnologia, que são usadas de forma segura e eficiente nos países desenvolvidos.

Embora o sistema de comércio possa — e deva — ajudar a atender às necessidades alimentares das pessoas em âmbito mundial,

ao mais baixo custo e com o menor impacto ambiental, políticas comerciais e agrícolas mal direcionadas, tanto nos países desenvolvidos como em desenvolvimento, muitas vezes têm restringido a capacidade de operação do sistema comercial. A Europa e os Estados Unidos, por exemplo, empregam o uso de subsídios que distorcem o comércio e prejudicam os agricultores dos países em desenvolvimento. Países importadores de alimentos muito frequentemente valem-se de barreiras ao comércio para privilegiar de forma injusta e ineficiente a produção interna.

QUE É NECESSÁRIO

Acabar com a fome e a desnutrição é uma meta viável, mas somente se os governos dos países desenvolvidos e em desenvolvimento adotarem as decisões políticas corretas. Acabar com a fome exigirá grande vontade política, estreita cooperação, um plano claro e um esforço sustentável. Seguem alguns elementos centrais para isso.

- 1. Oferecer ajuda alimentar em maior escala e de forma mais rápida:** quando conflitos nacionais ou internacionais deixam as pessoas em circunstâncias tais que elas não conseguem suprir suas necessidades alimentares ou obter acesso aos alimentos, os doadores internacionais devem intervir de forma mais rápida e generosa. Trabalhando sob a liderança do Programa Mundial de Alimentação, doadores bilaterais como a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) fizeram avanços. Outros doadores precisam reconhecer que a ajuda alimentar é indispensável. Todos os doadores devem agir com mais rapidez nas respostas a emergências alimentares, usando sistemas de alerta antecipado.
- 2. Conceder assistência alimentar de forma mais eficiente:** a assistência alimentar deve ser mais eficiente. Em algumas situações, a distribuição direta de alimentos por parte de países exportadores tradicionais como os Estados Unidos é menos eficiente do que comprá-los localmente ou na região onde ocorre a escassez. Como o Congresso dos EUA está trabalhando nas políticas para uma nova lei agrícola plurianual, grupos que incluem o Pão para o Mundo têm defendido reformas para tornar a ajuda alimentar americana mais eficiente.
- 3. Ajudar os países pobres a produzir mais alimentos:** os Estados Unidos e outros doadores podem fazer mais para ajudar os países em desenvolvimento a aumentar sua produtividade agrícola. Os EUA começaram a fazer isso nos últimos seis anos. O Banco Mundial e os Bancos Regionais de Desenvolvimento precisam revigorar



Themba Hadebe/AP Images

Políticas fracas no Zimbábue contribuíram para empobrecer uma terra agrícola fértil

seus próprios programas para a agricultura. Robert Zoellick, atual presidente do Banco Mundial, tem se interessado pelas questões agrícolas da África. Espero que ele faça algo para restabelecer a posição de liderança do Banco Mundial no crescimento da produtividade agrícola nos países em desenvolvimento.

4. Usar a ajuda alimentar para apoiar o desenvolvimento agrícola dos países em desenvolvimento: a ajuda alimentar internacional deveria ser uma resposta no curto prazo, não um causador de dependência no longo prazo. Os Estados Unidos, em trabalho conjunto com ONGs, apóiam os países que tentam usar a ajuda alimentar para impulsionar sua própria produtividade agrícola. Em Burkina Fasso, a USAID e o Departamento de Agricultura dos EUA trabalham com um grupo chamado Northwest Medical Teams (Equipes Médicas do Noroeste) para apoiar grupos de agricultores que compartilham equipamentos de cultivo e construir poços. Projetos similares bem-sucedidos foram lançados no Senegal, Quênia e Eritreia.

5. Fazer da agricultura e da alimentação prioridades nacionais: embora a assistência seja indispensável, os próprios países onde há fome devem assumir a liderança para fazer da agricultura e da alimentação suas prioridades nacionais. A China e a Índia, os países mais populosos do mundo, mostraram o que pode ser feito. Na China, o governo lançou reformas fundamentais que concederam aos agricultores mais liberdade sobre suas plantações. Na Índia, o governo lançou sistemas de distribuição de sementes para ajudar os agricultores e sistemas de distribuição

de leite para ajudar os consumidores. Cada país começou a utilizar sua capacidade científica para tratar as questões da fome e da alimentação. Formuladores de políticas e cientistas da China e da Índia ganharam o famoso Prêmio Mundial da Alimentação.

Ao contrário desses exemplos positivos, uma péssima liderança no Zimbábue empobreciu suas terras agrícolas férteis. Na Coreia do Norte, os objetivos distorcidos do regime e o duro controle político na distribuição de alimentos deram origem a mais fome

e miséria, apesar de anos de generosa ajuda alimentar.

6. Expandir o poder da tecnologia: nos Estados Unidos, felizmente nossos cidadãos têm-se beneficiado dos avanços sustentáveis da tecnologia de alimentos. Alguns avanços, em especial a biotecnologia, não apenas aumentam a produtividade como também podem produzir variedades de plantas mais resistentes à estiagem, com conteúdo nutricional mais elevado, com menos necessidade de produtos químicos e menos vulneráveis a pragas. Com um programa internacional combinado, incluindo os setores público e privado, o poder da biotecnologia poderia ser aproveitado em benefício de agricultores e consumidores nos países em desenvolvimento. É animador o fato de a Fundação Bill e Melinda Gates e a Fundação Rockefeller estarem se unindo para tratar da questão da agricultura. Com ajuda internacional mais sólida, podemos esperar iniciativas ainda mais importantes de pesquisadores como Monty Jones, de Serra Leoa, que aperfeiçoou técnicas para o desenvolvimento do arroz na África Ocidental.

7. Liberar o poder do comércio: o sistema comercial deve ser uma ferramenta para acabar com a fome. Regiões comerciais ricas como a Europa e os Estados Unidos precisam cortar os subsídios agrícolas que distorcem o comércio e empobrecem os agricultores e os países em desenvolvimento. Os países ricos, incluindo o Japão, precisam acabar com as barreiras inflexíveis às exportações agrícolas de países em desenvolvimento, de modo a fortalecer a capacidade de produção de alimentos desses países.

Ao mesmo tempo, muitos países em desenvolvimento têm demorado a perceber que as barreiras comerciais às importações de alimentos aumentam os preços dos produtos para o seu povo e perpetuam ineficiências em seus próprios sistemas de suprimento alimentar. Embora sejam apropriados os períodos de ajuste, uma redução das barreiras às importações de alimentos pelos países em desenvolvimento é condição necessária para solucionar a fome global.

8. Tornar a eliminação da fome uma das principais prioridades políticas: na luta contra a fome no mundo, enfrentamos uma carência. Não é carência de alimentos; é carência de vontade política. Oitocentos milhões de pessoas, muitas delas mulheres e crianças, contam com a nossa ajuda. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

A REVOLUÇÃO VERDE



Norman Borlaug em 1970

Norman Borlaug, natural de Iowa, doutorou-se em patologia vegetal em 1942. Seu trabalho de desenvolvimento de novas variedades de trigo e melhoramento de práticas de manejo de culturas foi precursor do que hoje se conhece por Revolução

Verde. Borlaug foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz em 1970 e com a Medalha de Ouro do Congresso em 2006, além de receber mais de 50 doutorados honorários por seu trabalho de combate à fome. O que se segue foi extraído de sua palestra proferida no Instituto Nobel, em Oslo, Noruega, por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel, em dezembro de 1970. O texto completo está disponível no endereço http://nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1970/borlaug-lecture.html.

O termo “Revolução Verde” tem sido usado pela imprensa popular para descrever o aumento espetacular na produção de grãos de cereais ocorrido nos últimos três anos. Talvez o termo “Revolução Verde” como comumente usado seja prematuro, muito otimista ou muito amplo em escopo. Na maior parte das vezes, parece passar a impressão de uma revolução geral na produção por hectare e na produção total de todas as culturas em vastas áreas abrangendo muitos países. Com frequência, também se subentende que todos os agricultores seriam beneficiados uniformemente pelo salto qualitativo na produção.

Essas implicações tanto simplificam muito como distorcem os fatos. As únicas culturas consideravelmente afetadas até o presente foram o trigo, o arroz e o milho. A produção de outros cereais importantes, como sorgo, milho miúdo e cevada, foi apenas ligeiramente afetada; também não houve aumento significativo no rendimento ou na produção de culturas de hortaliças ou

leguminosas, essenciais na dieta de populações que consomem cereais. Além do mais, deve-se enfatizar que até agora o grande aumento na produção tem sido em áreas irrigadas. E nem todos os produtores de cereais em áreas irrigadas adotaram o uso de novas sementes e novas tecnologias e delas se beneficiaram. Contudo, o número de agricultores, tanto pequenos como grandes, que estão adotando as novas sementes e a nova tecnologia cresce muito rapidamente, e o aumento em números durante os últimos três anos foi fenomenal. A produção de cereais em áreas regadas pelas chuvas ainda permanece relativamente à margem do impacto da Revolução Verde, mas mudanças e avanços significativos estão agora se tornando evidentes em vários países.

A Revolução Verde ganhou uma batalha na guerra do homem contra a fome e a privação; ela deu ao homem condições para respirar. Se completamente implementada, poderá propiciar alimento suficiente para o seu sustento nas próximas três décadas.

Malthus alertou para o perigo um século e meio atrás. Mas enfatizou principalmente o fato de que a população poderia crescer mais depressa do que o suprimento de alimentos. Em seu tempo, ele não pôde prever o aumento tremendo do potencial de produção de alimentos pelo homem. Nem poderia prever as perturbadoras e destrutivas conseqüências físicas e mentais da concentração grotesca de seres humanos no ambiente envenenado e estridente das megalópoles patologicamente hipertrofiadas. Os seres humanos poderão agüentar a tensão? Pressões e tensões anormais tendem a acentuar os instintos animais do homem e provocar comportamentos irracionais e socialmente maléficos entre pessoas menos estáveis na multidão exacerbada.

Precisamos reconhecer o fato de que alimento em quantidade suficiente é apenas o primeiro requisito para a vida. Para uma vida decente e humana é necessário também oportunidades de boa educação, emprego remunerado, moradia confortável, boas roupas e atendimento médico humano e eficaz. A menos que façamos isso, o homem poderá se degenerar mais depressa devido às doenças ambientais do que à fome.

Apesar de tudo, estou otimista com relação ao futuro da humanidade.

BIOTECNOLOGIA PARA ALIMENTAR OS FAMINTOS

Com a projeção das Nações Unidas de uma população mundial de cerca de 10 bilhões de pessoas até 2050, as estimativas indicam que os agricultores precisarão produzir duas vezes mais alimentos do que produzem hoje em dia. O impacto é particularmente significativo em países de maior crescimento populacional e deficiências nutricionais mais generalizadas. Muitas ferramentas e recursos agrícolas serão necessários para satisfazer essas demandas. Dada a limitação de terras disponíveis para cultivo e a capacidade das técnicas atuais de produzir alimentos em áreas infestadas e de água salobra, a biotecnologia agrícola oferece atualmente as abordagens mais promissoras.

O papel potencial da biotecnologia no tratamento da deficiência de vitamina A é um exemplo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 140 milhões a 250 milhões de crianças, a maioria em países em desenvolvimento, sofrem sérios sintomas de deficiência de vitamina A, a causa principal de cegueira passível de ser evitada e de outras afecções. O "arroz dourado", enriquecido com vitamina, e óleos de cozinha produzidos com o uso da biotecnologia podem ajudar a enfrentar esse desafio. Abordagens semelhantes visam dietas com escassez de ferro, zinco e outros nutrientes essenciais.

O primeiro alimento derivado da biotecnologia chegou ao mercado em 1994: um tipo de tomate com amadurecimento melhorado. O maís protegido contra insetos foi introduzido em 1996, seguido de maís, algodão e soja resistentes a pragas e tolerantes a herbicidas. Embora os primeiros países a adotar a tecnologia tenham sido os desenvolvidos, entre eles os Estados Unidos, o Canadá e a Argentina, culturas biotecnológicas são atualmente cultivadas em 22 países do mundo por mais de 10,3 milhões de agricultores, dos quais 9,3 milhões são pequenos agricultores de países em desenvolvimento. O maís, o algodão e a soja constituem a maior parte das culturas que hoje utilizam biotecnologia; no entanto, há outras culturas melhoradas pela biotecnologia, entre elas papaia e abóbora resistentes a doenças e maís, soja e canola melhorados do ponto de vista nutricional. O cultivo de culturas biotecnológicas aumentou

a receita dos agricultores em cerca de US\$ 27 bilhões entre 1996 e 2005, US\$ 13 bilhões dos quais foram para agricultores de países em desenvolvimento.

No entanto, todos esses avanços geraram opiniões divergentes e até mesmo controvérsias. Embora os dados mostrem que a maioria dos consumidores americanos sintam que não conhece o suficiente sobre biotecnologia de alimentos para formar uma opinião, entre aqueles que emitiram opinião, atitudes positivas são duas vezes mais comuns do que preocupação. Em pesquisa de 2006 do Conselho Internacional de Informação Alimentar, cerca de 75% dos consumidores americanos sinalizaram que, de certa forma, confiam na segurança de sua alimentação. Em contrapartida, a percepção dos consumidores na Europa tem sido historicamente mais negativa, provavelmente em decorrência de crises de segurança alimentar não relacionadas com a biotecnologia de alimentos. No entanto, a aceitação dos consumidores parece estar crescendo paulatinamente na Europa. Consumidores pesquisados em 2005 pela Eurobarometer expressaram opinião cada vez mais positiva com relação a desenvolvimentos médicos e farmacêuticos em biotecnologia e opinião moderadamente positiva sobre a tecnologia como um todo.

Como acontece com muitos dos grandes desenvolvimentos da ciência, dúvidas e incertezas iniciais podem transformar-se em aceitação e otimismo à medida que aumentam o conhecimento e a compreensão. A biotecnologia agrícola vem encontrando crescente aceitação nos países do mundo todo, ajudando agricultores e produtores de alimentos a fazer face ao desafio de produzir alimentos suficientes para atender às necessidades do crescimento populacional do século 21 e dos séculos subsequentes.

-- Rachel Cheatham, diretora de Comunicações em Ciência e Saúde, e Andrew Benson, vice-presidente de Relações Internacionais, Conselho Internacional de Informação Alimentar

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Como Quebrar o Ciclo da Fome

Entrevista com Josette Sheeran



Cortesia: Emilia Casella/UNWFP

Josette Sheeran, diretora executiva do Programa Mundial de Alimentação, visita o Campo PDI (Pessoas Deslocadas Internamente) de Kassab, em Kutum, Darfur do Norte

Meios para cortar pela metade o número de pessoas com fome no mundo existem; o que falta é maior vontade política, tanto dos países beneficiários como dos países doadores, segundo Josette Sheeran, diretora executiva do Programa Mundial de Alimentação (PMA) das Nações Unidas.

O editor-gerente Bruce Odessey entrevistou Sheeran alguns meses depois que ela assumiu a liderança do PMA. Os desafios para redução da fome são muitos: Aids, pobreza, governos fracos, mudanças climáticas, preços cada vez mais altos dos alimentos devido aos aumentos dos biocombustíveis e outros. Sheeran demonstrou esperança, no entanto, de que uma ação conjunta possa quebrar o ciclo da fome que passa de geração a geração.

Sheeran foi subsecretária de Estado dos EUA para Assuntos Econômicos e Comerciais, inclusive agricultura, e antes disso foi vice-representante de Comércio dos EUA.

Pergunta: A fome e as causas relacionadas com a fome matam cerca de 25 mil pessoas por dia, e as Nações Unidas dizem que o número dos cronicamente famintos no mundo aumenta ao redor de 4 milhões por ano. Estamos perdendo a batalha contra a fome no mundo?

Sheeran: Obtivemos ganhos contra a fome no mundo durante as últimas décadas. No entanto, devido ao crescimento populacional em algumas das regiões mais pobres do mundo, temos – em números absolutos – mais pessoas com fome atualmente do que nunca. Acredito piamente que podemos vencer a fome; podemos e iremos, mas deveremos aplicar não apenas toda a ciência e tecnologia à nossa disposição como também a vontade política para tanto.

Atualmente, ainda perdemos para a fome uma criança a cada



Cortesia: Judith Schuler/UNWFP

Menina na Escola de Tambeye para Nômades recebe do PMA a nutrição de que necessita para estudar

cinco segundos – um número inaceitável. No entanto, estamos agora em um ponto da história em que temos ciência e tecnologia para alimentar a todos na Terra. Espero aumentar a conscientização de como isso pode ser alcançado, bem como agradecer profundamente aos cidadãos de muitos países que tanto contribuem para a luta contra a fome.

P: Qual é o envolvimento do Programa Mundial de Alimentação no combate à fome?

Sheeran: O Programa Mundial de Alimentação alimenta cerca de metade das pessoas que recebem assistência alimentar, geralmente nos lugares mais difíceis e remotos da Terra. Essa é a nossa missão. Durante muitas décadas, construímos uma imensa capacidade logística que, de tão eficiente, tornou-se o principal braço humanitário da ONU para logística – não apenas para alimentação, mas também medicamentos, barracas, cobertores, o que quer que as pessoas necessitem em situações de emergência.

Mas mesmo com um orçamento anual de quase US\$ 3 bilhões e milhares de navios, aeronaves e veículos entregando alimentos todos os dias, estamos atingindo apenas 10% das pessoas com fome no mundo. Assim, ainda perdemos 25 mil pessoas por dia

devido a causas relacionadas com a fome – o problema de saúde pública número um no mundo, que mata mais pessoas do que TB [tuberculose], malária e Aids juntas. Devemos simplesmente intensificar tudo o que estamos fazendo para ultrapassar a curva da fome.

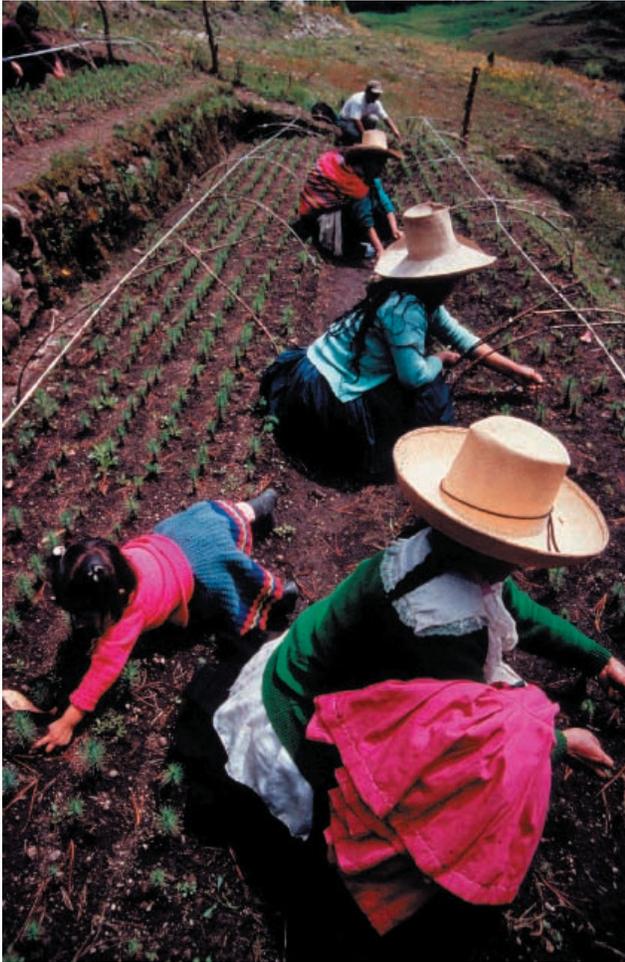
P: Quais são os maiores desafios do PMA em sua opinião?

Sheeran: Muitas coisas estão acontecendo. Temos o que chamamos de "tripla ameaça": Aids, pobreza e capacidade fraca de governo – em especial na África Austral – que dificulta a ultrapassagem da curva da fome. Temos também o que poderia ser uma "perfeita tempestade" se formando entre mudança climática, aumento dos custos operacionais e as demandas acrescentadas pelos biocombustíveis ao sistema global de alimentação. Durante os últimos cinco anos no Programa Mundial de Alimentação, vimos os custos da compra de commodities básicas subirem cerca de 50%. Isso se deve a uma combinação de fatores: aumento da demanda global por grãos que – juntamente com o advento dos biocombustíveis – puxou para cima os preços das commodities, bem como a escalada dos custos de combustíveis e transporte. Dessa forma, mesmo que o PMA mantenha o mesmo orçamento ou outro ligeiramente maior, ainda assim estamos alimentando muito menos pessoas. O preço dos alimentos em alta também significa que os mais pobres do mundo estão tendo maior dificuldade com a alimentação no âmbito da família.

P: Qual é o impacto dos biocombustíveis? E da mudança climática?

Sheeran: Os biocombustíveis representam uma oportunidade significativa para os agricultores pobres, mas também um desafio para as populações famintas, porque os mercados de grãos estão mais difíceis e os preços dos alimentos estão mais altos do que nas últimas décadas. Com a mudança climática, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas [grupo de consenso internacional que reflete o trabalho de centenas de cientistas] prevê que, em algumas áreas, a produção agrícola dependente de chuvas diminuirá pela metade até 2020. E, na África, nossa agência-irmã da ONU, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura [FAO], estima que 95% da agricultura é dependente de chuvas. Mesmo que essas previsões não se concretizem completamente, ainda podemos ter grandes desafios pela frente em regiões como a África, que será atingida com mais rigor pela mudança climática – onde as áreas secas se tornarão mais secas e as áreas úmidas, mais úmidas.

P: Quais são os obstáculos políticos para vencer a fome no mundo?



Cortesia: Fototeca UNWFP

Mulheres em Cajamarca, região norte andina do Peru, cuidam das culturas na terra comunitária como parte das atividades do programa Alimento para o Trabalho, do PMA

Sheeran: Tem de haver vontade política para se obter sucesso em todos os níveis – das aldeias às províncias, em nível nacional e além.

P: Você está falando de países beneficiários ou doadores?

Sheeran: Estou falando de todos eles, porque todos têm interesse nessa batalha. Para citar um exemplo positivo, sabemos que a Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (Nepad), na África, trabalhou com afinco com a União Africana para fazer da agricultura e do combate à fome prioridades máximas para os países africanos. Isso inclui o compromisso de destinar 10% do investimento para a agricultura. Sabemos que a única forma de vencer a pobreza e a fome – na Suazilândia, na Irlanda ou nos Estados Unidos de muitos anos atrás – é descobrir como lidar com as dificuldades do agricultor pobre. Nos países que descobriram isso, vemos desenvolvimento e ganhos econômicos. E vemos a

fome extrema e crônica tornar-se coisa do passado.

Muitos países quebraram os grilhões da fome, mas faz-se necessária ação conjunta e, quase sempre, ajuda externa com tecnologia e conhecimento e, algumas vezes, investimento.

P: Como está o avanço global em relação às Metas de Desenvolvimento do Milênio [MDMs] de diminuir pela metade a proporção de pobreza e fome até 2015?

Sheeran: Alguns países, inclusive o Chile, já alcançaram a primeira MDM de cortar a pobreza e a fome pela metade, enquanto Gana e Brasil estão próximos disso. No entanto, como comunidade global, ainda não estamos a caminho de conseguir alcançar as MDMs.

O que é revolucionário sobre as MDMs é que finalmente conseguimos que todos os líderes mundiais se sentassem e concordassem com um conjunto limitado de prioridades para eliminar as piores disparidades relativas a pobreza, fome, saúde, educação, etc. Fóruns como o G-8 produziram planos de ação práticos para alcançar essas metas, algo que apoio firmemente. Vencer a fome no mundo é uma enorme e esmagadora missão para a maioria das pessoas. Devemos encontrar formas de tornar isso viável gradativamente.

P: O que precisa acontecer?

Sheeran: A coisa mais importante na luta contra a fome é quebrar o seu ciclo, que passa de geração a geração. Foi documentado em vários países que mulheres famintas dão à luz crianças desnutridas, uma "fome herdada" que pode persistir por gerações. Então, parte do que estamos tentando fazer no Programa Mundial de Alimentação é cortar esse ciclo de fome diretamente na raiz. Se pudermos quebrar esse ciclo de fome, as comunidades terão a chance de quebrar o ciclo da pobreza.

Essas coisas são completamente interligadas. Se uma criança é deficitária fisicamente pela desnutrição, seu cérebro também será subdesenvolvido. Imagine as implicações para o desenvolvimento econômico em países onde a taxa de déficit entre as crianças excede os 50%!

Precisamos cortar a fome pela raiz – em crianças pequenas e mulheres grávidas – e, no próximo estágio, tentar levar as crianças à escola. Uma coisa que eu realmente analisei é o efeito incrivelmente poderoso da merenda escolar. Quando as crianças recebem pelo menos uma refeição na escola, todos os outros ganhos sociais acontecem: as taxas de matrícula, em especial entre meninas, aumentam; a frequência e o desempenho escolar melhoram. A educação também provou ter um forte efeito atenuante contra a infecção por HIV.

Essas metas não são inatingíveis. Também estou esperançosa porque as ciências – a ciência das sementes, a ciência do solo e a ciência da embalagem e do transporte de alimentos de forma segura e eficiente – têm agora o potencial para que o mundo esteja apto a atender às necessidades alimentares de todos os cidadãos da Terra. E acredito que juntamente com esses desafios esteja também o potencial para acabar com a fome de forma a corresponder à visão de pessoas como Norman Borlaug e outras que fizeram parte da Revolução Verde, que salvou tantos milhões de vidas na Ásia e em outros lugares. Sabemos que isso pode acontecer porque já vimos acontecer.

P: Alguma coisa a acrescentar?

Sheeran: Penso que os americanos devem realmente se orgulhar de suas contribuições de várias décadas para o combate à fome.

O governo dos EUA não é apenas o doador mais generoso do Programa Mundial de Alimentação, como também alimenta quase metade das populações famintas por meio de ajuda externa a cada ano. O Escritório do Programa Alimentos para a Paz da USAID [Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional] literalmente liderou o caminho desde sua criação por Eisenhower [Dwight Eisenhower, presidente dos EUA] na década de 1950 e sua ampliação pelo presidente [John] Kennedy na década de 1960. O programa Alimentos para a Paz é agora a espinha dorsal da luta contra a fome em âmbito global. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

GESTÃO DIPLOMÁTICA DA AJUDA DOS ESTADOS UNIDOS AOS QUE TÊM FOME



O embaixador Vasquez ajuda a servir o almoço em Honduras

Departamento de Estado dos EUA

Os milhares de turistas que visitam a famosa praça romana *Piazza del Popolo* (Praça do Povo) passam sem perceber a Missão dos EUA junto às agências das

Nações Unidas em Roma. Não há Embaixada dos Estados Unidos mais empenhada na redução da fome em todo o mundo do que essa.

Como o oitavo representante dos EUA junto às agências das Nações Unidas em Roma, eu chefo a equipe da missão que chama a atenção para os problemas globais da fome e da insegurança alimentar e que gere e assegura o uso eficaz dos recursos fornecidos pelos EUA à ONU em benefício dos pobres, dos famintos e dos marginalizados.

A missão americana é o principal vínculo entre o governo dos EUA e as três principais organizações das Nações Unidas para alimentação e agricultura - a Organização para Alimentação e Agricultura (FAO), o

Programa Mundial de Alimentação (PMA) e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). A missão, composta por pessoal do Departamento de Estado, do Departamento de Agricultura e da Agência para o Desenvolvimento Internacional, supervisiona as relações dos Estados Unidos com essas organizações e ocupa papel de destaque no envolvimento americano com essas agências da ONU sediadas em Roma.

Como o maior contribuinte das Nações Unidas, os Estados Unidos têm grande interesse em garantir que as organizações sejam bem administradas e que suas atividades complementem e ressaltem os objetivos da política interna e externa americana para alimentar os que têm fome. Na Missão dos EUA, minha equipe e eu representamos o governo americano nas agências da ONU sediadas em Roma no que se refere a questões políticas e programáticas, negociamos posições com outros representantes locais dos países doadores e dos beneficiários e criamos laços relacionados com as políticas estratégicas entre Washington e Roma para a melhor gestão da ajuda dos Estados Unidos aos que têm fome.

— *Embaixador Gaddi H. Vasquez*

PRINCIPAIS AGENTES DA AJUDA ALIMENTAR



Ariana Cubillos/©AP Images

No Haiti, estas mulheres conseguem água limpa por cortesia da Organização para Alimentação e Agricultura, uma das agências das Nações Unidas que fornecem ajuda alimentar

Mais da metade da ajuda alimentar mundial vem dos Estados Unidos. Fazer com que a produção agrícola dos EUA chegue aos destinatários da ajuda alimentar do mundo em desenvolvimento pode ser uma tarefa hercúlea e controversa. Fazer a complicada viagem dos campos para os centros de alimentação significa convocar os mais diversos agentes, incluindo órgãos internacionais, legislativos nacionais, o setor agrícola e seus lobistas, organizações não-governamentais e grupos de defensores de causas específicas. E apenas algumas das principais organizações prestam orientação sobre o processo. Quem está envolvido e quais leis e iniciativas determinam a forma de distribuição de alimentos?

Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID): A USAID, que administra o programa Alimentos para a Paz, é a principal agência governamental americana que fornece assistência alimentar humanitária aos países em desenvolvimento. O programa comemorou seu 50º aniversário em 2004. Foi inicialmente criado como uma forma de deter a fome e a desnutrição em algumas das regiões mais carentes do mundo e ajudar o setor agrícola dos EUA. O mandato oficial vem da Lei 480, Título II. A lei exige que a USAID conceda doações

de ajuda para "organizações cooperativas", como as não-governamentais, tanto nas iniciativas de assistência alimentar emergenciais como nas de longo prazo. As leis subsequentes ampliaram e esclareceram essa missão no decorrer dos anos. Em 2006, os Estados Unidos forneceram US\$ 2,2 bilhões de ajuda alimentar para 82 países em desenvolvimento, tornando-se o maior doador dessa ajuda em todo o mundo.

Departamento de Agricultura dos EUA (USDA): O USDA é um parceiro direto da USAID na execução dos programas de ajuda alimentar do governo dos EUA, mas concentra-se mais nos aspectos de assistência alimentar humanitária relativos ao agronegócio, tanto para os produtores americanos como para a agroindústria dos países em desenvolvimento. O USDA é responsável pelos acordos e negociações comerciais internacionais sobre ajuda alimentar. Os especialistas internacionais do USDA estão sediados em mais de 90 países e há também escritórios agrícolas comerciais nos mercados mais importantes para atender os exportadores dos EUA e os compradores estrangeiros.

Nações Unidas: Aqui os agentes mais importantes são o Programa Mundial de Alimentação das Nações Unidas (PMA), a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Qualquer apelo para ajuda alimentar emergencial – em prol das vítimas de terremotos ou refugiados de guerras civis – virá provavelmente do Programa Mundial de Alimentação, o mais conhecido da família de agências de combate à fome. É o primeiro a responder no mundo da ajuda alimentar.



Beatrice Larco/ ©AP Images

Participantes da Marcha Mundial contra a Fome, do Programa Mundial de Alimentação, em Roma, em 2005. Os produtos obtidos no evento anual vão para o Programa Global de Merenda Escolar do Projeto de Capacitação de Mulheres (WEP), que oferece merenda escolar gratuita a milhões de crianças de países em desenvolvimento

O PMA, com sede em Roma, fornece assistência alimentar para aproximadamente 88 milhões de pessoas, sendo que cerca de um terço do total vai para projetos de desenvolvimento e os dois terços restantes para operações de emergência, assistência e recuperação. O PMA trabalha com grupos multilaterais e bilaterais, países individuais, corporações e fundações para coletar e distribuir alimentos e outras mercadorias.

As outras organizações das Nações Unidas enfocam as causas subjacentes e soluções para a insegurança alimentar. A FAO atua na identificação e reversão das causas da fome mundial em áreas rurais. Ela ajuda os países a modernizar seus setores agrícolas para que possam alimentar seus povos. O Subcomitê Consultivo sobre Distribuição do Excedente de Alimentos (CSSD) da FAO procura escoar o excedente de alimentos facilitando as doações para os países com escassez alimentar e podem ser úteis sem interromper o fluxo normal de comércio nesses países.

O Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola oferece empréstimos de baixo custo e verbas para financiar esses

tipos de melhorias na agricultura. Até agora, o montante de investimentos em projetos rurais agrícolas soma US\$ 10 bilhões. O PNUD trabalha em várias questões de desenvolvimento, como a luta contra a insegurança alimentar.

Organizações não-governamentais/Organizações voluntárias privadas (ONGs/OVPs): As ONGs e OVPs desempenham um papel importante em situações emergenciais e não-emergenciais. Seus trabalhadores são normalmente vistos pelos telespectadores, em algumas situações perigosas ou extremas, distribuindo ajuda alimentar aos necessitados no local. As organizações Catholic Relief Services [Serviços Católicos de Assistência], Care, Oxfam e a brasileira Visão Mundial estão entre as mais conhecidas, mas várias outras semelhantes com menos visibilidade trabalham em países onde a segurança alimentar está em perigo.

Empresas e fundações: As corporações nacionais e internacionais promovem cada vez mais o seu trabalho — ou o trabalho de suas fundações — na luta contra a fome mundial.

A responsabilidade social corporativa é o slogan que descreve tais iniciativas, que normalmente fornecem aos países em desenvolvimento os bens e conhecimentos necessários. Algumas grandes fundações como a Fundação Rockefeller e a Fundação Bill e Melinda Gates são conhecidas. Algumas empresas encontraram mecanismos que permitem estabelecer parcerias com governos e com organizações bilaterais e multilaterais para ajudar a ampliar suas contribuições. A Land O'Lakes, uma das principais cooperativas agrícolas dos EUA, trabalha com a USAID, por exemplo. Voluntários do seu programa de Agricultor para Agricultor na África Austral fornecem conhecimentos agrícolas e empresariais em Angola, Malawi, Moçambique, África do Sul e Zâmbia. A Land O'Lakes também realiza trabalho voluntário nos seguintes países: Turcomenistão, Uzbequistão, Armênia, Azerbaijão, Geórgia e Rússia.

ACORDOS NORTEADORES

Convenção da Ajuda Alimentar (FAC): A Convenção da Ajuda Alimentar, acordada em 1967, terá sua autorização renovada em 2007. A FAC foi revalidada várias vezes em sua existência. O acordo trata da cooperação entre 23 grandes países doadores de ajuda alimentar e estabelece níveis mínimos de doação destinados a garantir alimentação suficiente para pessoas carentes de países em desenvolvimento. É administrado pelo Conselho Internacional de Grãos, sediado em Londres, que tem a responsabilidade de manter as estatísticas sobre a quantidade de ajuda alimentar doada e o seu ponto de destino.

Organização Mundial do Comércio (OMC): Os membros da OMC ainda precisam chegar a um acordo sobre como esse órgão deverá lidar com a ajuda alimentar. A última rodada de negociações foi suspensa, e a reforma da ajuda alimentar foi um dos pontos de discórdia.

Parceria para Ajuda Alimentar Internacional: O Congresso dos EUA aprovou a Lei de Parceria para Ajuda Alimentar Internacional em 2000. Seu objetivo era aumentar o número de organizações parceiras que participavam de atividades humanitárias de ajuda alimentar, incluindo a preparação, o armazenamento, a entrega e a distribuição de alimentos e outras mercadorias.

COMPROMISSOS COM O PROGRESSO FUTURO

Metas de Desenvolvimento do Milênio das Nações

Unidas (MDMs): A primeira das Metas de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas exige a erradicação da pobreza extrema e da fome. Especificamente, as metas requerem uma redução pela metade do contingente de pessoas com fome. Essa e outras sete MDMs foram criadas no início de 2000 pelos países-membros das Nações Unidas em um esforço para começar o novo século com um plano ambicioso para melhorar o mundo. A data prevista para atingir a meta de combate à fome e todas as outras metas é 2015.

No final de 2006, verificou-se um progresso mensurável, mas lento. Embora os índices de fome (medida do percentual de pessoas vítimas de fome crônica) tenham diminuído, cresceu o número real de pessoas famintas no mundo. As metas e o prazo final são para estimular as nações mais ricas a tomar providências significativas para ajudar os países pobres a derrotar a fome dentro de suas fronteiras.

Iniciativa do G-8: Em 2004, o Grupo dos Oito países industrializados (G-8) – Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Rússia e Reino Unido – prometeu tratar do problema da fome nos países do continente africano que enfrentam algumas das situações mais terríveis, em especial no Chifre da África. A abordagem é baseada em três pontos: fornecer uma rede de segurança para as comunidades habituadas a enfrentar a insegurança alimentar, melhorar a resposta global às crises alimentares no continente e aumentar a produção agrícola nas áreas rurais da África. A meta é acabar com a fome no Chifre da África até 2009. As cúpulas do G-8 em 2005, 2006 e 2007 incluíram atualizações do progresso alcançado. Em 2005, em particular, os países mais ricos do mundo trataram do desenvolvimento da África.

Iniciativa presidencial para acabar com a fome na África: essa iniciativa dos Estados Unidos foi anunciada em 2003. Ela é parte do esforço dos EUA para cumprir os compromissos de lidar com a questão, feitos nas cúpulas do G-8. De acordo com essa iniciativa, os Estados Unidos estão cuidando da reforma agrícola na África Subsaariana, por intermédio da USAID, dentro do Programa Abrangente de Desenvolvimento Agrícola da África.

— *Compilado por Angela Rucker, USAID*

O Agricultor Americano e a Ajuda alimentar dos EUA

Bruce Odessey

Enquanto o Congresso dos Estados Unidos estuda um projeto de lei agrícola que terá duração de cinco anos, o governo Bush pressiona em favor de uma mudança que permita a entrega de parcela da ajuda alimentar em compras de commodities de mercados locais, em vez de fornecer apenas commodities produzidas nos EUA. A resistência à mudança é forte e o resultado, incerto.

Bruce Odessey é editor-gerente da eJournal USA.

Naturalmente as decisões do governo sobre despesas com ajuda alimentar envolvem cálculos políticos. O maior programa de ajuda alimentar dos EUA é chamado P.L. 480, Título II. Durante muito tempo, esse programa exigiu que todas as doações de alimentos feitas pelos EUA ao exterior consistissem em commodities produzidas nos EUA.

No presente momento, o Congresso estuda a política agrícola dos EUA para os próximos cinco anos, pois a lei agrícola de 2002 expira no fim de setembro de 2007. Ainda é incerto se o Congresso mudará a parte do projeto de lei referente à política de ajuda alimentar.

Aprovada pelo Congresso a cada cinco anos aproximadamente, a lei agrícola regula a política agrícola dos EUA, cobrindo não apenas a ajuda alimentar externa e doméstica como também o apoio aos preços das commodities e rendas agrícolas, empréstimos, conservação, pesquisa e desenvolvimento rural.

O fato de a ajuda alimentar dos EUA contribuir para os interesses dos agricultores americanos e do agronegócio tem sido fundamental no apoio do Congresso a esses programas ao longo dos anos.

PONTOS DE VISTA DIVERGENTES

Entre as diversas mudanças que o governo Bush quer obter do Congresso no projeto de lei agrícola de 2007 inclui-se alguma flexibilidade para o programa de ajuda alimentar dos EUA.

O governo quer autorização para usar até 25% do dinheiro alocado ao programa de ajuda alimentar de cada ano na compra de commodities alimentares nos mercados locais e regionais dos países em desenvolvimento. Em algumas situações de emergência, comprar no mercado local ou em mercados próximos pode acelerar a entrega dos alimentos às vítimas.



O Congresso está para decidir se a ajuda alimentar dos EUA consistirá inteiramente de commodities produzidas pelos EUA ou se parte dos alimentos poderá ser comprada de produtores estrangeiros mais próximos de um local em estado de emergência

Pat Roque/AP Images

A versão do projeto de lei agrícola aprovado em julho pela Câmara dos Deputados por 222 votos contra 202 mantém o programa atual sem alterações. Os membros da Câmara não levantaram a questão durante os debates em plenário.

"Eles ainda estão na fase em que deveriam ser produtos americanos, para cujo fornecimento usamos dólares dos nossos

impostos", disse o deputado Collin Peterson, presidente democrata da Comissão de Agricultura da Câmara.

A Federação Americana de Bureaus Agrícolas opõe-se a compras locais e regionais de alimentos de emergência. Chris Garza, o diretor do grupo para relações com o Congresso, afirma que o programa existente de remessa de commodities cultivadas nos EUA tem funcionado bem.

"Boa parte do produto...a ser comprado vem obviamente de países que nem sempre têm alimentos próprios suficientes, e isso pode ocasionar elevação de preços dos alimentos nesses países", declarou Garza.

PROGRAMAS INTERNACIONAIS DE AJUDA ALIMENTAR DOS EUA: DESCRIÇÕES BÁSICAS

PROGRAMA	OBJETIVO
P.L. 480, Título I	Venda concessionária de commodities por empréstimos a longo prazo. No ano fiscal (AF) de 2006, aproximadamente 178 mil toneladas métricas de commodities, avaliadas em US\$ 50 milhões, foram fornecidas a três países pela P.L. 480, Título I.
P.L. 480, Título II	Programas de desenvolvimento e de ajuda emergencial em parceria com organizações voluntárias privadas (OVPs), organizações não-governamentais (ONGs) e a ONU. Programa Mundial de Alimentação (PMA) e programas governo-a-governo (apenas emergências). No AF de 2006, aproximadamente 1,7 milhão de toneladas métricas de ajuda alimentar, avaliadas em US\$ 1,2 bilhão, foram fornecidas a 42 países por 68 programas. Estima-se que 38 milhões de pessoas se beneficiaram da assistência dos EUA. Aproximadamente 664 mil toneladas métricas de ajuda alimentar não emergencial, totalizando US\$ 342 milhões, foram fornecidas a 30 países por 77 programas. Estima-se que 10 milhões de pessoas tenham se beneficiado da assistência não emergencial fornecida segundo o Título II.
P.L. 480, Título III	Doações de commodities governo-a-governo para os países menos desenvolvidos; vinculadas a reformas de políticas. No AF de 2006 não foi destinado dinheiro para esse programa.
Lei Alimentos para o Progresso, de 1985	Doações de commodities oferecidas a democracias emergentes e a países em desenvolvimento, com o compromisso de introduzir na economia rural, ou nela expandir, elementos de livre iniciativa. Os acordos podem ser feitos com governos, OVPs, ONGs, entidades privadas, cooperativas e organizações intergovernamentais. No AF de 2006, a Corporação de Crédito para Commodities (CCC) financiou a compra e a remessa de 275 mil toneladas métricas para 20 países, no valor de US\$ 147 milhões. Além disso, os recursos do Título I foram usados para entregar 212 mil toneladas métricas, no valor de US\$ 73 milhões, pelo Programa Alimentos para o Progresso.
Lei Agrícola de 1949, Parágrafo 416 (b)	Excedentes de commodities para OVPs, ONGs, PMA e governo-a-governo doadas para atingir os objetivos da ajuda alimentar externa. Cerca de 9,6 mil toneladas métricas de leite em pó desnatado foram entregues a quatro países durante o AF de 2006, no valor de US\$ 20 milhões.
Programa Internacional McGovern-Dole de Alimentos para a Educação e a Nutrição Infantil	As doações de commodities e o auxílio financeiro são usados para fornecer incentivos para que crianças frequentem e permaneçam nas escolas, bem como para ajudar a melhorar o desenvolvimento infantil por meio de programas nutricionais a mulheres, bebês e crianças menores de 5 anos. No AF de 2006, o Serviço Exterior de Agricultura do USDA forneceu mais de 82 mil toneladas métricas de commodities a programas de apoio à nutrição infantil e à merenda escolar em 15 países, no valor total de mais de US\$ 86 milhões.

Fontes: Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) e Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID)

O resultado final permanece incerto, porém. Para tornar-se lei, a versão final do projeto de lei agrícola de 2007 deve ser aprovada pela Câmara e pelo Senado e sancionada pelo presidente. O Senado ainda não começou a estudar o projeto de lei – na verdade, a aprovação final do projeto de lei agrícola de 2007 provavelmente só ocorrerá alguns meses depois da expiração da lei de 2002.

Se o Senado aprovar uma versão diferente daquela da Câmara dos Deputados, então a Câmara e o Senado terão de conciliar as versões divergentes. Muito provavelmente, haverá uma reunião Câmara-Senado para encontrar uma solução conciliatória do projeto de lei para votação final na Câmara e no Senado.

O senador Tom Harkin, presidente democrata da Comissão de Agricultura, Nutrição e Silvicultura do Senado, mostrou interesse na criação de um pequeno programa piloto para compra local, talvez de US\$ 25 milhões por ano durante quatro anos. "A meta é ajudar-nos a responder mais rapidamente a emergências humanitárias pavorosas", disse Harkin.

POSIÇÃO DO GOVERNO

Mark Keenum, subsecretário da Agricultura, concorda com compra local a ser usada apenas em emergências. "Faria diferença no salvamento de vidas", disse ele. Mesmo em emergências, acrescentou, os Estados Unidos

enviariam alimentos americanos quando e onde não houvesse disponibilidade de compra de alimentos locais ou regionais.

Keenum acrescentou que a flexibilidade de comprar localmente, em vez de remeter ajuda alimentar cuja fonte seriam os Estados Unidos, não teria efeito marcante sobre os mercados comerciais dos EUA.

Segundo Keenum, a grande maioria da ajuda alimentar dos EUA consiste em grãos e sementes oleaginosas. A produção americana anual dessas commodities atinge cerca de 200 milhões de toneladas por ano. As doações anuais de ajuda alimentar totalizam menos de 3 milhões de toneladas. E o governo propõe fornecer alimentos comprados localmente em vez de alimentos dos EUA para, no máximo, 25% das doações, declarou.

Algumas organizações não-governamentais (ONGs) que distribuem alimentos no mundo inteiro apóiam o conceito de compra local; outras, não.

Além disso, nas negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC), há muito tempo emperradas, os Estados Unidos estão sofrendo pressão por mudanças. Os EUA resistem a acordos que permitam à OMC ditar qual quantidade ou proporção de ajuda alimentar deve ser dada em dinheiro ou em commodities, declarou Keenum. ■

FOME: ENCARANDO OS FATOS

Bob Bell, David Kauck, Marianne Leach, and Priya Sampath



Cortesia: Ami Vitale/Care

Sumo Nayak alimenta crianças em atividade do Dia da Nutrição e da Saúde em Irikpal, no estado de Chhattisgarh, na Índia

A fome assume formas diferentes, mas todas elas podem causar morte e grande sofrimento, principalmente em países em desenvolvimento. Mais de 850 milhões de pessoas passam fome, apesar de a produção mundial de alimentos ser suficiente para alimentar todo mundo. A ajuda alimentar auxilia em emergências, mas são necessárias soluções sustentáveis e de longo prazo para que possamos alcançar a meta internacional de reduzir pela metade o número de pessoas que passam fome.

A Care é uma das principais organizações humanitárias que atuam no combate à pobreza mundial. Bob Bell é diretor da Equipe de Coordenação de Recursos de Alimentação da Care, David Kauck é assessor técnico sênior de Programas, Marianne Leach é diretora da Equipe de Relações Governamentais da Care e Priya Sampath é analista sênior de Políticas Públicas.

A Organização para Alimentação e Agricultura (FAO) da ONU estima que atualmente mais de 850 milhões de pessoas em todo o mundo passam fome, 820 milhões delas em países em desenvolvimento.

Na década de 1980, a CNN exibiu imagens de milhões de crianças e adultos famintos na Etiópia, mostrando ao mundo ocidental como era a fome nos países em desenvolvimento. Ajuda e assistência jorraram naquele país. Desde então, no entanto, de certa forma nos habituamos ao fenômeno, pois todos os anos surgem imagens, agora muito familiares, de fome, inundação e outros desastres ou de pobreza abjeta.

Parece inimaginável que exista praticamente um bilhão de pessoas famintas no mundo hoje, apesar dos ganhos obtidos na produtividade agrícola. Reconhecendo a enormidade desse problema, em 1996 a Cúpula Mundial da Alimentação

EFEITOS DA FOME

A desnutrição protéico-energética — DPE (consumo insuficiente de energia e de proteínas) — é a principal causa de morte de crianças nos países em desenvolvimento.

A deficiência de micronutrientes ("micronutrientes" essenciais insuficientes, como ferro, iodo e vitamina D) é um dos fatores que mais contribuem para a mortalidade infantil, além de prejudicar o crescimento, o desenvolvimento e o potencial de aprendizado de milhões de crianças.

definiu a meta de reduzir pela metade o número de famintos até 2015, a qual foi depois reafirmada pela primeira Meta de Desenvolvimento do Milênio. Mas, decorrido metade desse prazo, torna-se claro que essa meta não será atingida — o número estimado de subnutridos aumentou de 798 milhões em 2000 para cerca de 852 milhões hoje em dia.

O QUE É FOME?

A fome é um fenômeno relacionado com a insegurança alimentar. Segundo declaração da Cúpula Mundial da Alimentação de 1996, a segurança alimentar é uma condição que "existe quando todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso a alimentação satisfatória, segura e nutritiva que atenda às suas necessidades e preferências alimentares para uma vida ativa e saudável". A fome ocorre quando famílias e indivíduos passam por um longo período de insegurança alimentar.

A fome afeta o funcionamento e o desenvolvimento normais do corpo humano e contribui para o ônus das doenças globais, reduzindo drasticamente a capacidade do corpo de resistir a infecções. Em casos extremos, a inanição causada por períodos prolongados sem alimentação ou por doenças infecciosas resulta em morte. A fome enfraquece as pessoas fisicamente. Como a fome persistente e crônica limita a capacidade do corpo de usar energia para suas atividades, os subnutridos têm dificuldade para aprender, conseguir emprego e ser produtivos. Empregadores e professores às vezes vêem as pessoas que passam fome como lentas ou preguiçosas, quando na verdade elas sofrem de letargia, a resposta do corpo à privação prolongada de calorias e nutrientes.

A fome, portanto, prende pessoas e famílias em um círculo vicioso de saúde precária e de menos capacidade para aprender e trabalhar, gerando pobreza e morte generalizadas. Esses efeitos perversos espalham-se por comunidades e economias.

A fome generalizada prejudica o potencial de desenvolvimento das nações. A nutrição adequada afeta diretamente o crescimento econômico, pois melhora a produtividade da mão-de-obra. Estudo da FAO sobre países em desenvolvimento realizado no decorrer de 30 anos constatou que se os países com altas taxas de subnutrição tivessem aumentado a ingestão de alimentos a um nível satisfatório, sua produção econômica, ou seu produto interno bruto (PIB), teria aumentado em 45%. Perdas na produtividade da mão-de-obra devido à fome podem causar reduções de 6% a 10% no PIB per capita, segundo uma força-tarefa da ONU para combater a fome.

POR QUE A FOME AINDA PERSISTE?

A fome é um problema complexo, e para enfrentá-la de maneira apropriada é necessário que se entenda primeiro por que ela existe, sem as interpretações errôneas e os mitos que costumam cercá-la.

Mito 1: As pessoas passam fome porque não se produzem alimentos em quantidade suficiente — é uma questão de abastecimento.

Fato: Até hoje, o abastecimento global de alimentos acompanhou a população mundial, desafiando os cenários malthusianos apocalípticos de crescimento da população superando o abastecimento de alimentos. Ao mesmo tempo, no entanto, várias regiões do mundo são incapazes de atender continuamente às necessidades alimentares da população somente por meio da produção local. Períodos de escassez

FOME CRÔNICA E TRANSITÓRIA

A fome crônica ocorre quando as pessoas não têm acesso a alimentos em quantidade suficiente durante um longo período de tempo devido à pobreza persistente. Cerca de 95% dos 820 milhões de famintos do mundo em desenvolvimento passam fome crônica.

A fome transitória é uma condição temporária causada por eventos como desastres naturais e conflitos ou, em menor escala, por desemprego, doença ou morte na família. Em qualquer dado momento, dezenas de milhões de pessoas estão em risco de fome transitória.

sazonal e quebras de safras periódicas são bastante comuns e não necessariamente motivo de alarme.

Quando há uma má colheita em uma região com mercados grandes funcionando de maneira apropriada, mercadorias estocadas ou de regiões com excedente de alimentos normalmente vão para esse mercado em resposta ao aumento dos preços, reduzindo assim os déficits locais de alimentos. Problemas persistentes de disponibilidade de alimentos costumam ocorrer somente quando os mercados têm um desenvolvimento precário ou não conseguem funcionar de maneira apropriada.

Nos últimos 150 anos, a fome causada pela escassez persistente de alimentos deixou de ser uma ocorrência comum em muitas partes do mundo. Em grande parte, isso se deu devido às melhorias na infra-estrutura dos transportes, à expansão dos mercados e ao crescimento contínuo do comércio interno e externo dos países.

No entanto, ainda há momentos e lugares em que a disponibilidade de alimentos pode ser um problema sério. Há algumas partes do mundo — inclusive várias grandes regiões isoladas no interior do continente africano — em que os obstáculos ao comércio ainda são tantos que o aumento dos preços impede o fluxo adequado de mercadorias quando elas são necessárias. Nesses lugares, o risco de que quebras de safra desencadeiem escassez de alimentos pode ser substancial. Com muita frequência, a fome ocorre em lugares onde existe mesmo um excedente de alimentos, mas apesar disso determinados grupos socioeconômicos passam por extrema dificuldade. O termo "acesso a alimentos" refere-se à capacidade de as famílias adquirirem alimentos suficientes para atender às suas necessidades básicas.

As famílias adquirem os alimentos por meio de alguma combinação de produção, aquisição ou transferências sociais não comerciais (de família, amigos ou alguma forma de assistência social). Famílias pobres passam fome quando a produção de alimentos, as economias, a renda e os benefícios não são

suficientes para atender às suas necessidades alimentares. Entre as circunstâncias que podem contribuir para o aprofundamento dos problemas de acesso a alimentos estão:

- Perda de ativos de produção.
- Queda nos salários.
- Mudanças nos preços das mercadorias enfraquecendo o poder de compra da população carente.

As análises sobre "acesso a alimentos" concentram-se na capacidade produtiva e no poder aquisitivo das famílias pobres. Elas também jogam luz na relação entre mudança dos padrões de desigualdade de renda e distribuição da fome. Outro aspecto crucial da fome é a "utilização", ou seja, como o alimento em si é usado biologicamente. O alimento fornece energia suficiente e outros nutrientes essenciais? Há água potável disponível e

condições sanitárias adequadas para evitar doenças e fazer com que o corpo absorva a energia e os nutrientes contidos nos alimentos? Por fim, quais são os conhecimentos, as atitudes e as práticas das pessoas que consomem os alimentos? Determinados membros da família não têm capacidade de dispor de parte satisfatória dos recursos da família devido a gênero, idade ou outros fatores determinados culturalmente, o que resulta no aumento da fome.

Por fim, a "vulnerabilidade" também desempenha um papel. A vulnerabilidade é a probabilidade de que a segurança alimentar de uma família seja comprometida por uma grande catástrofe ou pelos efeitos cumulativos de uma série de pequenos choques aos meios de subsistência de uma pessoa ou de uma família. O nível de vulnerabilidade depende da probabilidade desses eventos e da capacidade de as famílias lidarem com isso — sua capacidade de

DIFERENÇAS REGIONAIS EM NÍVEIS E TENDÊNCIAS DE FOME

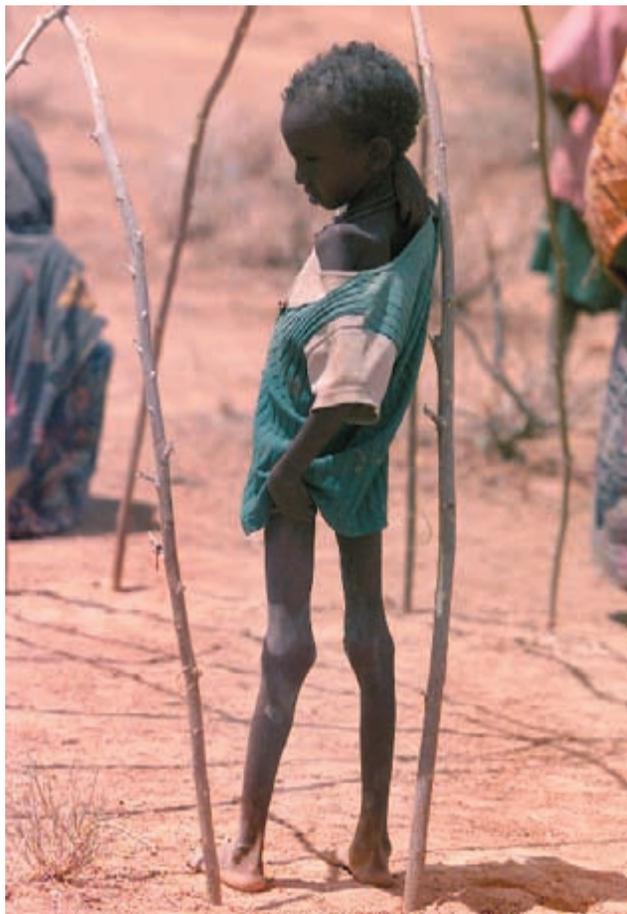
Embora o número total de famintos no mundo tenha aumentado, algumas regiões estão indo melhor do que outras:

- *Avanços consideráveis foram obtidos na América Latina, no Leste Asiático e em várias partes do Sul da Ásia — regiões que experimentaram crescimento macroeconômico sustentado.*
- *Retrocessos significativos ocorreram no Oriente Médio, no Norte da África e, em especial, na África Subsaariana.*
- *Na África Subsaariana, a fome tornou-se cada vez mais generalizada e persistente, com um terço da população sofrendo de fome crônica.*
- *A maioria dos subnutridos é proveniente de pequenas propriedades agrícolas e de famílias sem terra que vivem em áreas rurais e trabalham em pequenos pedaços de terra em áreas isoladas e marginais.*

resistir e se adaptar.

As famílias precisam ter capacidade de lidar com os desastres e de se recuperar para que tenham segurança alimentar.

Mito 2: Pessoas com fome precisam de alimento — portanto, a ajuda alimentar é a resposta.



Brennan Linsley/AP Images

Na Etiópia castigada pela seca, assim como em grande parte do Chifre da África, a fome atinge milhões de pessoas

Fato: A ajuda alimentar não é a solução universal ou de longo prazo.

Há mais de 50 anos, o povo americano responde com generosidade às necessidades dos que passam fome ao redor do mundo, principalmente por meio de um programa chamado Lei 480 — Alimentos para a Paz. Esse programa fornece ajuda alimentar como a principal fonte de assistência para responder tanto a crises urgentes de falta de alimento quanto de fome crônica. Em sua forma atual, essa assistência indiscutivelmente já salvou milhões de vidas.

No entanto, o número cada vez maior de subnutridos nos diz que a fome no mundo não pode ser solucionada de maneira sustentável somente com o fornecimento de assistência alimentar.

A Care há muito tempo está associada a programas de distribuição de alimentos e tem motivos para se orgulhar de assistir pessoas pobres, vulneráveis e afetadas por situações de emergência no mundo todo por meio de programas de

ajuda alimentar. Mas as políticas e os programas atuais têm deficiências.

Primeiro, quase todos os anos, 70% a 75% da ajuda alimentar americana é utilizada para atender à fome transitória resultante de emergências e crises humanitárias. Embora a ajuda alimentar emergencial seja vital em situações de emergência, ela não ataca as causas subjacentes da fome crônica nem reduz a probabilidade de emergências futuras.

Segundo, enfrentar a fome crônica, ao contrário das emergências, requer assistência sustentada e de longo prazo, o que é difícil de ser fornecido pelos programas e políticas atuais.

Os programas atuais têm muitas metas e prazos curtos, o que quase sempre impede o uso de algumas das abordagens mais apropriadas e com boa relação custo-eficácia e normalmente não atinge os mais necessitados. Por exemplo, programas agrícolas voltados para o aumento da produtividade e das rendas rurais nem sempre atingem as famílias mais vulneráveis, que costumam ser de pequenos proprietários ou de diaristas. Além disso, a maioria das intervenções é fragmentada e realizada isoladamente por várias agências diferentes, cada uma tendo fluxos de recursos, prazos e exigências diferentes. Essa fragmentação enfraquece a eficácia geral desses programas.

NOVOS DESAFIOS E PERSPECTIVAS

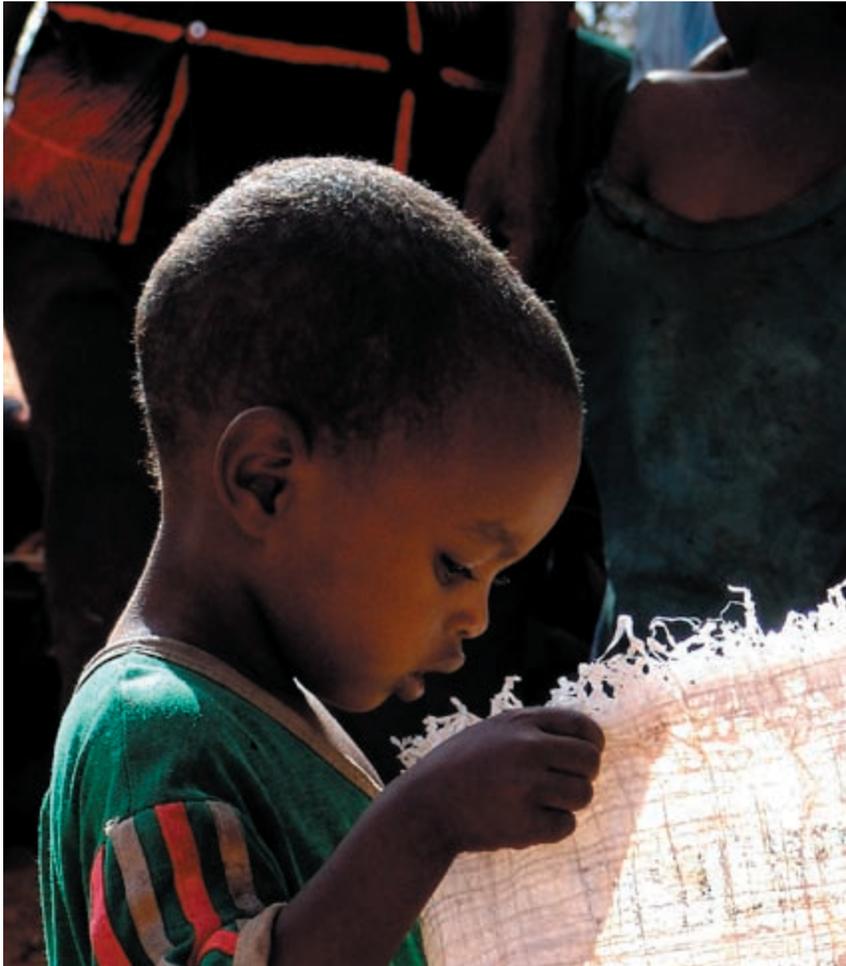
Apesar da disponibilidade global suficiente de suprimento de alimentos, existem novos desafios à continuação de sua suficiência.

Os especialistas dizem que a dependência dos insumos tecnológicos e químicos da Revolução Verde resultou no aumento da erosão do solo e poluição de águas subterrâneas e águas superficiais, além de causar sérios problemas sanitários e ambientais, colocando em dúvida a sustentabilidade da revolução.

Além disso, vários países em desenvolvimento já estão vivenciando os efeitos da mudança climática — estima-se que mudanças nos padrões das condições atmosféricas, redução das chuvas tropicais, modificação dos fluxos dos rios e aumento da desertificação afetarão drasticamente a produção de alimentos.

Ao mesmo tempo, também se considera que o aumento da demanda pelo cultivo de alimentos para biocombustíveis deve ameaçar a segurança alimentar mundial ao elevar os preços das culturas de cereais e enfraquecer o poder aquisitivo das famílias pobres.

Se as previsões sobre mudanças climáticas e aumento do uso de cultivos para biocombustíveis se concretizarem, provavelmente haverá aumentos drásticos na incidência de fome crônica.



© AP Images

A fome crônica e a fome relacionada com emergências, como em uma seca no norte do Quênia, são problemas diferentes que exigem soluções diferentes

UM CAMINHO MELHOR

A Care acredita que chegou a hora de remodelar as abordagens usuais à fome para enfrentar plena e significativamente a fome crônica.

A redução da fome crônica exigirá programas voltados para os muito pobres e para as pessoas vulneráveis, que forneçam apoio antes que as emergências ocorram. Os programas precisam adotar abordagens que lidem não apenas com as necessidades básicas das pessoas que passam fome, mas que também dêem atenção às causas sociais, econômicas, ambientais e políticas subjacentes da fome.

Atacar as causas da fome demanda um esforço maciço e sustentado que está além da capacidade de um único país e de um único doador. As agências doadoras precisam coordenar e apoiar

os governos nacionais para que coloquem em prática e de maneira adequada políticas, estratégias e planos nacionais de recursos ao invés de buscar projetos isolados.

Muita coisa da atual ênfase dos programas do governo americano precisa mudar. Estratégias plurianuais integradas e compromissos com recursos plurianuais suficientes não sujeitos a limitações de dotações orçamentárias anuais precisam ser colocados em vigor. Enfrentar as complexidades da fome exige compromissos de recursos garantidos e de longo prazo.

O mais importante é que os profissionais tenham flexibilidade na elaboração dos programas para que possam escolher a abordagem mais apropriada e com o melhor custo-eficácia para qualquer situação de segurança alimentar. Isso significa ter liberdade para enfrentar as causas subjacentes da fome. Para enfrentar essas causas, os programas precisarão investir em educação, saúde, apoio a meios de subsistência e proteção de ativos. Isso também significa que os programas, quando apropriado e com base em análises sólidas, utilizem recursos como ajuda alimentar importada, alimentos adquiridos local ou regionalmente e/ou opções de transferência de dinheiro (cupons, vales-alimentação e "dinheiro por trabalho") como parte de uma resposta mais ampla.

Esses elementos precisam ser integrados como parte de um plano para reduzir, de forma progressiva e contínua, o número de pessoas que vivem em situações de emergência ou em grande risco e aumentar o número de pessoas que acessam, com segurança e de maneira sustentada, suas necessidades de alimentos e nutrição. Somente então poderemos começar a lenta e longa marcha em direção à erradicação da fome e de suas causas para garantir que nenhuma criança vá para a cama com fome. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA

Ameaça Tripla na África Austral

Jordan Dey



Obed Zilwa / ©AP Images

Pessoas esperam por maïs em posto de distribuição de Sanje, Malawi, um dos países mais atingidos pela epidemia de HIV/Aids

Na África Austral, a epidemia de HIV/Aids deixa os agricultores doentes demais para produzir alimentos e reduz a capacidade do governo de fornecer ajuda. Os países doadores podem aumentar muito a eficácia dos remédios que distribuem fornecendo alimentos suficientes às famílias atingidas.

Jordan Dey é diretor de Relações dos EUA no Programa Mundial de Alimentação das Nações Unidas.

A África Austral, há tempos um celeiro para a África e mais recentemente uma das regiões econômica e politicamente mais estáveis do continente, está sob uma ameaça tripla: a combinação de surto de HIV/Aids, desgaste da segurança alimentar e declínio da capacidade governamental e civil.

Todos os dias, 8 mil pessoas do mundo inteiro morrem de HIV/Aids; 5 milhões de novas contaminações ocorrem todos os anos. Das cerca de 40 milhões de pessoas contaminadas pelo HIV/Aids, dois terços estão na África Subsaariana.

O Programa Mundial de Alimentação (PMA) das Nações Unidas opera em Angola, Lesoto, Madagascar, Malawi, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Zâmbia e Zimbábue. A África Austral ocupa a linha de frente da batalha global contra essa doença devastadora, pois tem 9 dos 10 países com maior prevalência de HIV/Aids. A Aids reduziu a expectativa de vida para níveis medievais — na casa dos 30 anos — em diversos países da região. Essa doença atingiu muito duramente o setor produtivo, dizimando fileiras de servidores civis, professores, médicos,

comerciantes e agricultores — enfraquecendo os governos e a infra-estrutura civil e social. Estima-se que 8 milhões de agricultores tenham morrido de Aids na África Austral nas duas últimas décadas. De acordo com relatório recente da Oxfam International, as taxas atuais de mortalidade indicam que um quinto da força de trabalho agrícola da África Austral terá morrido de Aids até 2020.

Estima-se que a Aids tenha deixado cerca de 3,3 milhões de órfãos na África Austral. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) informa que a proporção de órfãos em relação à população total está crescendo mais depressa lá do que em qualquer outra parte do mundo.

A combinação de grande prevalência de HIV/Aids e número elevado de órfãos está enfraquecendo as comunidades e desfalcando as famílias, bem como os orçamentos governamentais de assistência médica e serviços sociais, segurança alimentar e educação. Todas essas tendências trazem implicações preocupantes para a estabilidade econômica e política a longo prazo. Enquanto isso, a segurança alimentar doméstica já está seriamente minada.

ESCASSEZ CRESCENTE DE ALIMENTOS

A África Austral vem obtendo ganhos substanciais na produção agrícola desde 2002, quando toda a região esteve à beira de uma das piores crises humanitárias jamais vistas na região e mais de 14 milhões de pessoas de seis países precisaram de assistência emergencial. Graves perdas de vidas foram evitadas pela coordenação excepcional da resposta humanitária e pela generosidade dos doadores, particularmente os Estados Unidos, a União Européia, Austrália, Canadá, Japão e África do Sul.

Desde então, o número de pessoas necessitando de ajuda alimentar declinou constantemente, em grande parte em função de melhores safras, devidas a chuvas mais regulares, e da maior disponibilidade de sementes e fertilizantes. Porém, em 2007, safras ruins em diversas áreas da região — especialmente em Zimbábue, Suazilândia e Moçambique — estão novamente fazendo crescer o número de pessoas que necessitam de ajuda alimentar emergencial. A estimativa atual do número de necessitados na região é de 4,4 milhões de pessoas, embora novo relatório sobre a segurança alimentar no Zimbábue indique que esse número aumentará em mais 2 milhões, no mínimo, por causa das safras ruins do país e do agravamento da crise econômica. A seca, os custos elevados das sementes e dos fertilizantes, o acesso

desigual ao mercado e as políticas de posse da terra estão exacerbando essa recente escassez de alimentos. O HIV/Aids também.

Os líderes políticos da África Austral, como os do resto do mundo, realizaram avanços significativos no combate ao HIV/Aids. Essa doença finalmente foi desmistificada, acabando com anos de rejeição, vergonha e estigma.

A promessa do governo Bush de doar US\$ 15 bilhões para combater o HIV/Aids nos países em desenvolvimento, especialmente na África, é histórica: é o maior compromisso com um problema de saúde global jamais feito por um governo. O presidente Bush também está propondo uma prorrogação de cinco anos com quase o dobro da verba — US\$ 30 bilhões em cinco anos a partir de 2009. Esse tremendo compromisso assumido pelo governo dos EUA mobilizou diversas respostas complementares — especialmente na área de medicamentos — de governos regionais, do setor privado, inclusive empresas farmacêuticas, e de outros doadores.

Na África Austral, medicamentos anti-retrovirais estão sendo distribuídos gradativamente em todos os países, com um reforço nove vezes maior em Malauí — de 8 mil pessoas em janeiro de 2005 para mais de 70 mil no início de 2007. No entanto, ainda falta muito para atender à demanda em todos os países da África Austral, e vários milhões de pessoas continuam sem acesso a medicamentos vitais

COMO AUMENTAR A EFICÁCIA DOS MEDICAMENTOS

Os doadores poderiam aumentar muito a eficácia de seu investimento de vários bilhões de dólares para o tratamento da Aids obedecendo a uma receita simples, porém freqüentemente negligenciada: alimentos junto com os remédios. É uma receita endossada pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaid) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Também recebeu apoio do Plano de Emergência do Presidente para Combate à Aids (Pepfar), que, por exemplo, está operando na Etiópia em conjunto com o Programa Mundial de Alimentação para ajudar a fornecer alimentos, suplementos vitamínicos e aconselhamento nutricional a pessoas afetadas pelo HIV/Aids.

A lógica é simples: a maioria dos medicamentos vem com instruções para ingestão antes ou depois das refeições, um regime desenvolvido para os ricos, que não se preocupam em saber de onde virá a próxima refeição.



Cortesia: Giuseppe Bizzarri/CFAC

Crianças de Chimoio, Moçambique, aprendem técnicas agrícolas em uma das Escolas de Agricultura e Vida para Adolescentes, um programa executado por agências das Nações Unidas em seis países

Mas na África, onde uma em cada três pessoas é desnutrida e vive com 1 dólar por dia, muitas pessoas contaminadas pelo HIV não têm garantida nem uma refeição. A eficácia de medicamentos poderosos que ajudam a manter a vida não é a mesma em corpos esgotados e estômagos vazios.

Pesquisas de campo demonstraram que fornecer o alimento certo e a nutrição certa na hora certa pode fazer uma tremenda diferença, ajudando as pessoas a prolongar sua sobrevivência, mantendo as crianças nas escolas e longe das ruas e ajudando as famílias a se manterem unidas. Essa é uma idéia que finalmente está se popularizando.

Peter Piot, chefe do Unaid, relata com frequência a história de seu encontro com um grupo de mulheres do Malawi que conviviam com o HIV. "Com sempre faço, perguntei-lhes qual era sua maior prioridade", disse. "A resposta delas foi clara e unânime: comida. Não era assistência médica nem medicamentos ou tratamento nem ajuda contra estigmas, mas comida."

Isso não é surpresa em um continente onde a Aids mata muito mais do que a guerra. A África, onde o PMA realiza a metade de suas operações, já está atormentada pelos piores problemas de segurança alimentar do mundo. Oito de cada dez agricultores da África são mulheres, a maioria agricultoras de subsistência, e as mulheres são acometidas por essa doença de maneira desproporcional.

A AIDS E AS FAMÍLIAS

Comida é também um problema enorme para as famílias atingidas pela Aids, minando a produção e a segurança alimentar nas residências.

Estudos realizados na África e no resto do mundo mostram que a Aids tem efeitos devastadores sobre as famílias de zonas rurais. Com frequência o pai é o primeiro a cair, e, quando isso ocorre, a família pode ter de vender ferramentas e animais agrícolas para pagar seu tratamento — o que leva frequentemente a um

empobrecimento rápido de famílias que, muitas vezes, já são pobres. Se a mãe também cai doente, então os filhos talvez tenham de enfrentar as assustadoras responsabilidades de cuidar da agricultura e assistir os pais em tempo integral, além deles próprios.

Quando milhões de agricultores deixam de trabalhar, os países têm menos alimentos. Enfraquecidos, agricultores soropositivos que ainda conseguem trabalhar são menos produtivos, e sua capacidade de auferir rendas fora da agricultura também é menor. Como ganham menos, os agricultores não têm condição de comprar fertilizantes e outros insumos agrícolas. Se as safras minguem ainda mais, eles entram em uma inexorável espiral descendente, vendendo o que têm e passando para uma pobreza abjeta. Em pouco tempo, as famílias começam a passar fome.

Na África Austral, até 70% dos agricultores sofreram perdas de mão-de-obra por causa do HIV/Aids. À medida que os trabalhadores agrícolas são afetados pela doença, tendem a cultivar áreas menores e a trabalhar com culturas menos trabalhosas. No Malawi, 26% das famílias com um membro cronicamente doente mudaram a mistura habitual de suas culturas e 23% deixaram de cultivar a terra. No Zimbábue, a produção de milho caiu 67% em moradias onde houve morte por Aids.

PACOTES ASSISTENCIAIS

Os medicamentos anti-retrovirais podem ajudar a mitigar essa situação terrível — quando são empregados em conjunto com comida e nutrição adequadas. A Aids não é uma batalha a ser vencida apenas com remédios: são necessários pacotes assistenciais integrados.

Uma tática promissora da guerra contra a Aids e a insegurança alimentar na África Austral é um programa operado pelo Programa Mundial de Alimentação e sua

parceira, a Organização para Alimentação e Agricultura (FAO), chamado "Escolas de Agricultura e Vida para Adolescentes", atualmente em funcionamento em seis países. Centenas de órfãos e de outras crianças vulneráveis de 12 a 17 anos são matriculadas por um ano em cursos que lhes ensinam técnicas agrícolas tradicionais e modernas, bem como habilidades essenciais para a vida. Educação para conscientização sobre HIV/Aids também está incluída. Embora esses programas não tenham podido expandir-se adequadamente por falta de financiamento, eles são parte essencial das estruturas sociais necessárias para que a África rechasse uma epidemia que pode deixar órfãos inacreditáveis 20 milhões de crianças até 2010.

Vejam a história de um agricultor africano, Benedicte, pai soropositivo de dois meninos. Quando Benedicte, aos 46 anos, se cadastrou num programa apoiado pela ajuda alimentar do PMA, chegou de maca para receber suas rações. Não muito tempo depois de começar a receber medicamentos e comida com regularidade, Benedicte conseguia retirar seus sacos de milho e de feijão indo de bicicleta. Hoje, ele está de volta ao trabalho no campo. Alimentos e tratamento, juntos, puseram-no — e à sua família — novamente em pé.

Benedicte é uma metáfora auspiciosa para as comunidades mais atingidas pelo HIV/Aids e pela insegurança alimentar. Com apoio bem dirigido envolvendo medicação e boa nutrição, as pessoas que sofrem de HIV/Aids podem reerguer-se e enfrentar esse terrível flagelo. Garantir que alimentos e boa nutrição façam parte do pacote de combate à Aids maximizará o impacto do grande investimento do governo americano para combater a Aids na África. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA

Ajuda a Criadores de Rebanho no Chifre da África

Anne Marie del Castillo e John Graham



Cortesia: Melese Awokc/UNWFP

A USAID está trabalhando para ajudar pastores africanos, como esta mulher que conduz o gado perto de Zeway, na Etiópia, em sua subsistência

Na Etiópia, uma colaboração inovadora entre a agência de ajuda internacional do governo dos Estados Unidos e organizações não-governamentais permitiu que pastores não somente sobrevivessem à seca mas também reconstruíssem suas vidas.

Anne Marie del Castillo e John Graham trabalham para a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Del Castillo é assessora de Políticas do Escritório do Programa Alimentos para a Paz em Washington, e Graham é assessor sênior para Políticas da USAID/Missão da Etiópia.

Adul Hussein é um senhor idoso e grisalho, veterano de muitas secas nas terras áridas de Borena, no sul da Etiópia. Ele se reúne com outros oito anciãos em um escritório acanhado do governo local, com os joelhos tocando a equipe de monitoramento da USAID, para falar da última seca — enquanto finalmente a chuva bem-vinda cai com força sobre a terra lá fora. Como os outros ali reunidos, Hussein é criador de

rebanho e depende de sua criação para alimentar a família e comprar artigos de primeira necessidade, plantando ocasionalmente alguns grãos quando as condições pluviais forem especialmente favoráveis nessa terra ressequida. O pastoreio de ovelhas, cabras e camelos exige migração sazonal para chegar às pastagens.

"Isso nunca havia acontecido antes. Já perdemos muitos animais devido à seca, mas desta vez as pessoas da [organização humanitária] Care nos ajudaram a vender o gado antes que morresse", disse. "Vendi uma vaca e assim pude alugar um caminhão para levar minhas outras vacas para um local mais ao norte, onde conseguissem sobreviver. Agora a seca acabou e ainda tenho meu gado."

Muitos especialistas em desenvolvimento interpretam mal a aparente vulnerabilidade cada vez maior dos pecuaristas no Chifre da África como um sinal de que sua subsistência não é mais viável. Em conseqüência, muitas vezes defendem sua transição para a agricultura ou outras atividades produtivas mais sedentárias.

Mas esses especialistas não sabem avaliar a notável eficiência inerente ao modo de vida dos criadores, que está sendo prejudicada principalmente porque grupos de pastores sofrem marginalização política, social e econômica. Poucos governos de países reconhecem a importância da subsistência dos criadores de rebanho ou lhes dão o tipo certo de apoio. Apoio para a venda ou a manutenção dos animais durante a seca e melhor acesso aos mercados de venda de animais vivos, bem como melhores preços, produzem resultados notáveis.

INICIATIVAS DA USAID

Desde o final dos anos 1990, a USAID vem dando apoio direto aos criadores de rebanho no Chifre da África, mediante projetos como a *Southern Tier Initiative* [Iniciativa para Melhoria de Vida dos Pequenos Criadores do Sul da Etiópia] e o *Emerging Focus* [Foco Emergente], que abordaram saúde, educação e serviços veterinários. Além disso, foi dada ajuda humanitária em grande escala durante as secas dos anos 1999-2000, 2002-2003 e 2005-2006, tanto em alimentos como de outras formas. Como resultado das secas e da perda concomitante dos rebanhos, mais de um milhão de pecuaristas viram seus recursos básicos minguar a tal ponto que agora dependem de assistência alimentar durante vários meses, todos os anos.

Em outubro de 2005, a missão da USAID na Etiópia lançou a *Pastoralist Livelihood Initiative* (PLI) [Iniciativa para a Subsistência de Criadores de Rebanho – PLI], um investimento de US\$ 29 milhões, programado para dois anos, que está mudando o modo de a USAID abordar a vulnerabilidade dos criadores de rebanho no Chifre da África. O apoio veio do Fundo para Prevenção da Fome, um fundo de contingência flexível da USAID usado para prevenir e mitigar a escassez de alimentos de maneira rápida.

O projeto da PLI visa tratar as causas subjacentes da fome de modo a causar mudança positiva e duradoura. A USAID prosseguiu com a PLI devido à necessidade urgente, juntamente com indicações de perspectivas comerciais cada vez maiores para o mercado de carne, grande interesse do setor privado, atitude de apoio do governo e a presença de uma rede já existente de organizações não-governamentais (ONGs) regionais experientes.

O projeto empregou uma abordagem de desenvolvimento — formação e atualização de conexões entre criadores de rebanho e mercados modernos de carne e

de animais vivos — no contexto de uma emergência. Desse modo, o projeto conseguiu garantir a subsistência durante a seca de 2005-2006 e criou relacionamentos sustentáveis de mercado que pudessem melhorar a capacidade dos criadores de rebanho de lidar com futuras secas.

DANDO INÍCIO

Ao desfazer-se dos rebanhos por meio da venda, as famílias dos criadores conseguiram a maior parte do dinheiro para sua manutenção durante a seca; quase metade do dinheiro foi usada para comprar comida e forragem. A Universidade Tufts estimou a proporção custo-benefício em 1:41. Com a venda dos rebanhos, os negociantes privados compraram dezenas de milhares de animais de pecuaristas que, de outra forma, teriam perdido tudo, proporcionando a eles o dinheiro para comprar animais após a seca.

Complementando essas atividades, foram postos em prática programas de ração animal para preservar os rebanhos essenciais de reprodutores. Os parceiros da PLI, em cooperação com os governos regionais e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), ajudaram a vacinar 3 milhões de animais e dar tratamento veterinário a mais de 2,8 milhões. Como resultado somente da iniciativa emergencial da PLI, o índice estimado de sobrevivência dos animais aumentou em 10%, e o valor dos bens semoventes protegidos foi de mais de US\$ 22 milhões.

Tão logo as chuvas retornaram em abril, os parceiros da PLI e seus pares dos governos retomaram as atividades originalmente aprovadas, concentradas em fortalecer a sobrevivência dos criadores, tais como reposição de rebanhos e comercialização. Coincidindo com a PLI, houve uma mudança fundamental nos padrões regionais de comercialização de carne e de animais vivos. Ao estabelecer o contato entre pecuaristas da região sul com comerciantes do norte, a iniciativa emergencial ajudou esses pastores a aproveitar os benefícios das tendências do mercado em evolução.

Tradicionalmente, o gado do sul da Etiópia era conduzido para os mercados do Quênia, e as ovelhas e cabras iam para a Somália. Agora, como a demanda por carne excedeu o fornecimento das regiões montanhosas, os negociantes buscam o suprimento adicional no sul. Em consequência, os criadores ganharam acesso aos mercados de animais vivos e abatedouros do norte. Além disso, os criadores da Somália transferiram seu comércio de

camelos da rota tradicional de mercados do sul para os mercados de camelos vivos, mais lucrativos, do Egito e da Arábia Saudita.

COMO FUNCIONOU A INICIATIVA

Ao desfazer-se dos rebanhos por meio da venda, as famílias dos criadores conseguiram a maior parte do dinheiro para sua manutenção durante a seca; quase metade do dinheiro foi usada para comprar comida e forragem. A Universidade Tufts estimou a proporção custo-benefício em 1:41. Com a venda dos rebanhos, os negociantes privados compraram dezenas de milhares de animais de pecuaristas que, de outra forma, teriam perdido tudo, proporcionando a eles o dinheiro para comprar animais após a seca.

Complementando essas atividades, foram postos em prática programas de ração animal para preservar os rebanhos essenciais de reprodutores. Os parceiros da PLI, em cooperação com os governos regionais e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), ajudaram a vacinar 3 milhões de animais e dar tratamento veterinário a mais de 2,8 milhões. Como resultado somente da iniciativa emergencial da PLI, o índice estimado de sobrevivência dos animais aumentou em 10%, e o valor dos bens semoventes protegidos foi de mais de US\$ 22 milhões.

Tão logo as chuvas retornaram em abril, os parceiros da PLI e seus pares dos governos retomaram as atividades originalmente aprovadas, concentradas em fortalecer a sobrevivência dos criadores, tais como reposição de rebanhos e comercialização. Coincidindo com a PLI, houve uma mudança fundamental nos padrões regionais de comercialização de carne e de animais vivos. Ao estabelecer o contato entre pecuaristas da região sul com comerciantes do norte, a iniciativa emergencial ajudou esses pastores a aproveitar os benefícios das tendências do mercado em evolução.

Tradicionalmente, o gado do sul da Etiópia era conduzido para os mercados do Quênia, e as ovelhas e cabras iam para a Somália. Agora, como a demanda por carne excedeu o fornecimento das regiões montanhosas, os negociantes buscam o suprimento adicional no sul. Em consequência, os criadores ganharam acesso aos mercados de animais vivos e abatedouros do norte. Além disso, os criadores da Somália transferiram seu comércio de camelos da rota tradicional de mercados do sul para os mercados de camelos vivos, mais lucrativos, do Egito e da Arábia Saudita.

NOVOS MERCADOS

Em Filtu, em uma região do sul da Somália, as mulheres beneficiárias falaram sobre a ajuda conseguida do parceiro da PLI, a *Pastoralist Concern Association of Ethiopia* (PCAE) [Associação de Interesse dos Criadores de Rebanho da Etiópia – PCAE].

"Antes vendíamos nossas ovelhas e cabras para a Somália, no sul, e às vezes para o mercado de Mandera, no Quênia", disse Aisha Abdulahi. Segundo ela, "agora essas pessoas estão vindo aqui para vender suas ovelhas e cabras. Estamos vendendo todos os animais para Negelle e Adis Abeba, no norte, e conseguindo os melhores preços já obtidos".

"Quando havia seca ou guerra na Somália, nós sofriamos", disse ela. "Agora não importa; vendemos nossos animais na Etiópia. Muitos membros da nossa associação feminina de crédito e poupança estão utilizando o crédito para comprar ovelhas e cabras no mercado local e em seguida vendê-las com lucro em Negelle."

O impacto da PLI também se manifestou no crescimento dinâmico das economias locais. A PLI substituiu mercados informais no meio do mato por modernas instalações para animais vivos, inclusive com recintos cercados permanentes, com currais e bebedouros para os animais. Essa mudança permitiu trocas organizadas e propiciou condições sanitárias para os animais, atraindo assim negociantes do norte, que enviaram frotas de caminhões para os mercados de beira de estrada equipados com currais e instalações de carga adequados.

Talvez o mais importante tenha sido o aparecimento de empresas associadas, que começaram a florescer em volta das novas instalações. Duas semanas depois da inauguração de uma das 25 modernas instalações de mercado de animais vivos da PLI em Harobake, surgiram vários pequenos restaurantes, hotéis, farmácias e lojas.

Fofu Gezu, o organizador local da ACDI/Voca, explicou o impacto eletrizante do novo mercado: "Falamos com a comunidade quando planejamos esse mercado, e fomos informados de que esse era o local apropriado. Como foi escolhida a comunidade, as autoridades locais aprovaram, e agora vemos o resultado. A comunidade sabia que esse lugar tinha potencial para crescer e deu apoio. Agora estão planejando construir toda uma cidade aqui, e dizem que será o novo centro de toda a região."



Cortesia da USAID

Em todo o Chifre da África, criadores de cabra e de outros animais precisam de dinheiro e conhecimentos técnicos

LIÇÕES APRENDIDAS

Os criadores de rebanho, embora constituam um povo nômade, não estão sempre em mudança. As mulheres e crianças das famílias de pastores tendem a ser relativamente sedentárias, residindo em pequenas cidades rurais pelo menos seis meses por ano. Programas piloto de microfinanciamento patrocinados pela USAID ajudaram as mulheres a formar ou expandir cooperativas lucrativas; operar pequenos moinhos de grãos; e realizar pequenas transações, comércio de pequenos ruminantes e outras iniciativas. O fluxo contínuo de rendimentos provenientes dessas atividades complementa a renda mais sazonal gerada pelas atividades pastorais.

Com base no sucesso dessas atividades, a USAID incentivou o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural da Etiópia a formar um Fórum de Políticas Pecuárias. Cinco grupos de trabalho vêm estabelecendo políticas de governo sobre redução emergencial de rebanhos, cuidados veterinários emergenciais, fornecimento emergencial de forragem, reposição de

rebanhos e gestão de recursos naturais. Já houve um resultado: o governo da Etiópia concordou em conceder empréstimos a comerciantes para a compra de animais em casos de emergência.

A PLI ajudou os criadores a suportar a seca, manter sua auto-suficiência e preservar seus rebanhos. Uma lição básica é que agências com presença duradoura e conhecimentos técnicos podem ser flexíveis na redistribuição imediata de recursos para salvar vidas. Essa capacidade técnica e flexibilidade de recursos deveriam ser a norma para emergências futuras. Fundos de contingência adequados precisam estar disponíveis em nível nacional e vir de fontes doadoras bilaterais e multilaterais. A seca recorrente no Grande Chifre da África não precisa significar sofrimento recorrente para as comunidades de pastores. Governos nacionais e regionais deveriam implementar políticas e intervenções para reforçar, e não destruir, os sistemas de subsistência dos criadores de rebanhos.

Uma segunda lição primordial é que a subsistência dos criadores é viável quando tem ligações fortes com os sistemas econômicos e financeiros, tanto em âmbito nacional quanto regional. A Iniciativa para a Subsistência de Criadores de Rebanho aumentou a capacidade de recuperação do meio de vida dos criadores simplesmente pelo fortalecimento das conexões entre eles e os mercados comerciais de carne e de animais vivos. Por sua vez, isso teve um impacto positivo e dinâmico na economia local.

A PLI abordou com sucesso e rapidez as causas profundas da vulnerabilidade das comunidades de pecuaristas, ajudando-as a subsistir mediante a promoção de integração financeira e econômica com a sociedade como um todo. Além de ter atingido seus objetivos com sucesso, o programa também desenvolveu novas áreas a atender.

Como as verbas iniciais cobriram somente dois anos, fontes alternativas de recursos precisarão ser identificadas para dar continuidade às valiosas lições aprendidas. Os parceiros da implementação, a USAID e o governo da Etiópia esperam que o progresso realizado na primeira fase convença outros doadores, tanto bilaterais quanto multilaterais, a dar o apoio necessário para continuar a aumentar a capacidade desses criadores de prosperar na economia moderna. ■

Enfrentando a Desnutrição Infantil na Costa de Bangladesh

Ina Schonberg

Em Bangladesh, a ajuda alimentar serve para matar a fome das crianças após a ocorrência de enchentes devastadoras ou outras situações de emergência. A ajuda em dinheiro proporciona a elas assistência médica e escolas e, aos pais, meios de produzir renda familiar. Ambos os tipos de ajuda são necessários por tempo indefinido em um país onde talvez metade da população não consiga ter alimentação adequada.

Ina Schonberg é vice-presidente associada da Save the Children, instituição beneficente independente, sem fins lucrativos.

Bangladesh aparece freqüentemente nos noticiários por causa das enchentes, pressão da população e pobreza extrema. É um dos países mais populosos do mundo: mais de 130 milhões de habitantes vivem em um delta fértil inundável cortado por rios, lagos e braços de mar. As enchentes e os ciclones são uma ameaça constante, a poluição está aumentando e o solo está sendo esgotado. Apesar do progresso socioeconômico constante, a pobreza predomina, profundamente arraigada. Nas regiões costeiras do centro-sul de Barisal, a insegurança alimentar é alta e a desnutrição, mais persistente do que em outras partes do país.



Cortesia: Save the Children, Divisão de Fome e Desnutrição

A desnutrida Shireen e sua mãe foram cadastradas no programa de Aconselhamento Nutricional Intensivo da Save the Children; a criança recebeu alimentos e a família conseguiu um poço e uma latrina

Ao longo da costa de Bangladesh, a Save the Children trabalha com outras organizações não-governamentais e governos locais para reduzir a desnutrição infantil. Usando alimentos do programa Título II da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), o programa Jibon-O-Jibika (Vida e Subsistência) alimenta 180 mil crianças por mês. A equipe do programa entra nos vilarejos mais distantes para imunizar as crianças (juntamente com o governo), monitorar seu crescimento e fornecer serviços de saúde onde eles não existem. O programa

providencia acesso a água potável e saneamento e dá às famílias pobres a oportunidade de receber um pedaço de terra para plantar e, dessa forma, aumentar sua renda.

Para crianças como Shireen, esse programa pode ter demorado demais. Gravemente desnutrida por causa de doenças repetidas e alimentação inadequada, Shireen corria o risco de morrer antes de completar dois anos de idade. Sua mãe recebeu alimentos como incentivo para comparecer às atividades mensais da Save the Children em seu vilarejo, e voluntários da comunidade trabalharam com o pessoal da organização para que Shireen pudesse receber alimentação adequada e ganhar peso. A instalação de um novo poço tubular de água e uma latrina sanitária propiciou à família de Shireen ganhos imediatos, além da esperança de melhorar a nutrição e reduzir as doenças a longo prazo.

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

O objetivo do programa Jibon-O-Jibika da Save the Children é fazer com que as mães adotem hábitos alimentares saudáveis e cuidem da saúde de seus bebês e crianças pequenas. O programa também disponibiliza os serviços de saúde necessários. Pequenas rações alimentares dão às mães de famílias com maior risco de insegurança alimentar um incentivo para aprender a mudar seu comportamento.

Após dois anos de programa, os resultados são impressionantes (dados de junho de 2007):

- 311.080 mães e filhos receberam atendimento médico, com altas taxas de comparecimento em todos os pontos de prestação de serviços.
- Mais de 29 mil poços tubulares foram testados para detecção de arsênico; 37% mais famílias tiveram acesso a latrinas sanitárias.
- A produção e o consumo de hortaliças aumentaram.

Ao mesmo tempo, a Save the Children trabalhou em estreita colaboração com autoridades dos governos locais e grupos comunitários em 66 das regiões costeiras mais vulneráveis para enfrentar as emergências. Mais de 1,2 mil voluntários foram treinados e equipados para agir prontamente e mitigar os danos em situações de emergência. Eles planejam melhorar os abrigos contra ciclones, dar treinamento para melhorar os alertas de desastres, realizar missões de busca e de resgate durante as enchentes e fazer avaliações rápidas para distribuição de ajuda emergencial. O acesso a estoques emergenciais de alimentos, com pessoas e infra-estrutura para sua distribuição, tem salvado vidas e aliviado o sofrimento em situações de desastre.

AJUDA ALIMENTAR EFICAZ

Estudos demonstram que a destinação efetiva de ajuda é essencial para a segurança alimentar de Bangladesh, não apenas como ajuda emergencial no curto prazo, mas também para o desenvolvimento econômico a longo prazo. A ajuda alimentar emergencial tem se mostrado eficaz para salvar vidas. A ajuda alimentar estritamente vinculada a objetivos desenvolvimentistas — tais como melhorar a infra-estrutura e a produção ou apoiar projetos sociais educativos, entre outros — tem sido eficaz para reduzir a pobreza e aumentar a segurança alimentar das famílias.

Estudos demonstram também que a estocagem de alimentos e o uso de ajuda alimentar para reduzir as flutuações de preços dos cereais — particularmente qualquer efeito adverso aos produtores — contribuem para a estabilidade geral do abastecimento de cereais no país, beneficiando todos os cidadãos de Bangladesh.

Ótimos resultados são atingidos quando a ajuda é uma meta bem estabelecida e voltada para objetivos desenvolvimentistas específicos como parte de um programa mais amplo.

Mas comida, por si só, não basta para combater a fome. A eficácia da ajuda alimentar é maximizada quando programada junto com uma ajuda em dinheiro. O dinheiro é necessário, por exemplo, para ensinar as pessoas a cultivar seu próprio alimento, fornecer-lhes os primeiros suprimentos e monitorar o seu progresso.

Em determinadas circunstâncias, os destinatários da ajuda, em particular as mulheres, preferem receber alimentos em vez de dinheiro porque os alimentos são mais fáceis de controlar. E os estudos indicam que, tanto nos países desenvolvidos quando naqueles em desenvolvimento, as pessoas consomem mais alimentos quando recebem ajuda alimentar direta do que quando recebem dinheiro. Em Bangladesh, dada a gravidade da desnutrição e a extensão da fome, o uso de ajuda alimentar direta é essencial.

NOVAS ORIENTAÇÕES PARA AJUDA ALIMENTAR

Segundo algumas estimativas, cerca de metade dos 143 milhões de pessoas que vivem em Bangladesh não consegue ter uma alimentação adequada (42% das famílias estão abaixo da linha da pobreza). Embora o crescimento econômico e as políticas de mercado sejam fundamentais para a erradicação da pobreza, a quinta parte mais pobre da população continua seriamente desnutrida e incapaz

de participar da economia. Para essas pessoas, uma rede de segurança na forma de ajuda alimentar direta é vital para melhorar a renda e a segurança nutricional.

Os fluxos de ajuda alimentar para Bangladesh diminuíram com a redução geral da assistência ao desenvolvimento. Os custos crescentes de mercadorias e fretes, bem como a mudança de prioridades do governo americano, levaram à redução da ajuda alimentar disponível. As implicações já estão sendo sentidas diretamente na região com os cortes do programa Título II da USAID. A falta de fundos atrasou a implementação e a expansão de algumas atividades do programa, tais como o tratamento de crianças com doença respiratória aguda e diarreia. A distribuição de alimentos terá de ser encerrada antes do planejado para alguns beneficiários. Além disso, os esforços para diminuir as vulnerabilidades da comunidade e das famílias aos choques naturais por meio de maior prontidão comunitária não serão estendidos a todas as áreas vulneráveis atendidas pelo Jibon-O-Jibika.

A ajuda alimentar vinculada a objetivos desenvolvimentistas específicos tem funcionado em Bangladesh. Ela aumentou a renda das famílias, permitiu que as meninas se matriculassem e concluíssem o ensino e reduziu a insegurança alimentar durante os períodos de fome.

A ajuda em dinheiro também é vital para assegurar que a ajuda alimentar seja programada de forma a melhorar efetivamente o atendimento médico, o acesso à água e a qualidade das escolas e responder aos desastres causados pelas enchentes. Programas inovadores podem incluir combinações de ajuda em dinheiro, ajuda alimentar e até mesmo transferências de dinheiro.

Dados os resultados positivos, o fornecimento contínuo de ajuda alimentar, com o apoio de níveis adequados de assistência em dinheiro, deveria continuar a ser prioridade para Bangladesh ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA



Cerca de metade da população de Bangladesh, como essas pessoas em um campo de assistência em Dacca, não consegue ter uma alimentação adequada (Pavel Rahman/©AP Images)

Pavel Rahman/© AP Images

Recursos Adicionais

LIVROS E ARTIGOS

Barrett, Christopher. *Food Aid Fifty Years: Recasting Its Role* [Cinquenta Anos de Ajuda Alimentar: Reformulando seu Papel]. Nova York: Routledge, 2005.

Bourlaug, Norman. *The Green Revolution, Peace, and Humanity* [Revolução Verde, Paz e Humanidade]. Preleção do Prêmio Nobel da Paz, 1970.
http://nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1970/borlaug-lecture.html

The Development Effectiveness of Food Aid: Does Tying Matter? [A Eficácia da Ajuda Alimentar sobre o Desenvolvimento: Os Laços Importam?]. Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, Paris, 2005.
[http://webdomino1.oecd.org/comnet/dcd/untiedpubliccws.nsf/viewHtml/index/\\$FILE/pdf_Food%20aid%20study_en.pdf](http://webdomino1.oecd.org/comnet/dcd/untiedpubliccws.nsf/viewHtml/index/$FILE/pdf_Food%20aid%20study_en.pdf)

Dugger, Celia W. *CARE Turns Down Federal Funds for Food* [Care Recusa Verbas Federais para Alimentos]. *New York Times* (9 de agosto de 2007): p.A1.

Dugger, Celia W. *Bush Gains Support for New Approach on Global Food Aid* [Bush Consegue Apoio para Nova Abordagem sobre Ajuda Alimentar Global]. *International Herald Tribune, Edição Americana*, 21 de abril de 2007.
<http://www.iht.com/articles/2007/04/21/america/web-0421food-35235.php>

Edkins, Jenny. *Whose Hunger? Concepts of Famine, Practices of Aid* [Quem Tem Fome? Conceito de Falta Extrema de Alimentos e Práticas de Ajuda]. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2002.

Kent, George. *Freedom From Want: The Human Right to Adequate Food* [Livres da Privação: Direito Humano à Alimentação Adequada]. Washington, DC: Georgetown University Press, 2005.

Kristof, Nicholas D. *Bono, Foreign Aid and Skeptics* [Bono, Ajuda Externa e Ceticismo]. *New York Times*, 9 de agosto de 2007, p. A19.

Melito, Thomas. *Foreign Assistance: Various Challenges Limit the Efficiency and Effectiveness of Food Aid* [Ajuda Externa: Vários Desafios Limitam a Eficiência e a Eficácia da Ajuda Alimentar]. Washington, DC: Tribunal de Contas do Governo dos EUA, 24 de maio de 2007.
<http://www.gao.gov/new.items/d07905t.pdf>

Raney, Terri e Prabhu Pingali. *Sowing a Gene Revolution* [Disseminando uma Revolução Genética]. *Scientific American*, vol. 297, n.º 3 (setembro de 2007): pp. 104-111.

O'Neill, Helen e John Toye, organizadores. *A World Without Famine? New Approaches to Aid and Development* [Um Mundo sem Fome? Novas Abordagens para Ajuda e Desenvolvimento]. Nova York: St. Martin's Press, 1998.

Runge, C. Ford, et.al. *Ending Hunger in Our Lifetime: Food Security and Globalization* [Acabando com a Fome no Nosso Tempo: Segurança Alimentar e Globalização]. Washington, DC: Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares, 2003.

Schaible, Ulrich E. e Stefan, H. E. Kaufmann. *Malnutrition and Infection: Complex Mechanisms and Global Impacts* [Desnutrição e Infecções: Mecanismos Complexos e Impactos Globais]. *PLoS Medicine*, vol.4, n.º5 (maio de 2007): pp. 806-812.

Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento

Internacional. *Celebrating Food for Peace, 1954-2004: Bringing Hope to the Hungry* [Comemoração do Programa Alimentos para a Paz, 1954-2004: Levando Esperança aos Que Têm Fome]. Washington, DC: USAID 2004.
http://www.usaid.gov/our_work/humanitarian_assistance/ffp/50th.

Organização Mundial do Comércio. *Agriculture Negotiations: Backgrounder, Food Aid* [Negociações Agrícolas: Informativo, Ajuda Alimentar]. 2002.
http://www.wto.org/english/tratop_e/agric_e/negs_bkgrnd25_ph2foodaid_e.htm

SITES NA INTERNET

GOVERNO DOS EUA

Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional, Escritório do Programa Alimentos para a Paz
http://www.usaid.gov/our_work/humanitarian_assistance/ffp

Departamento de Agricultura dos EUA, Serviço de Pesquisas Econômicas
<http://www.ers.usda.gov/Browse/TradeInternationalMarkets/FoodSecurityHunger.htm>

Departamento de Estado dos EUA
<http://www.state.gov/e/eeb/tpp/c10325.htm>

Missão dos EUA junto às Agências das Nações Unidas em Roma
<http://usunrome.usmission.gov>

Serviço Exterior de Agricultura do Departamento de Agricultura dos EUA
<http://www.fas.usda.gov/food-aid.asp>

OUTROS RECURSOS

Aliança para uma Revolução Verde na África
<http://www.rockfound.org/initiatives/agra/agra.shtml>
Trata-se de uma iniciativa conjunta da Fundação Rockefeller e da Fundação Bill e Melinda Gates cujo objetivo é promover o desenvolvimento agrícola para reduzir a fome e a pobreza na África – semelhante à Revolução Verde dos anos 1960.

Grupo Consultivo sobre Pesquisa Agrícola Internacional
<http://www.cgiar.org>
O Grupo Consultivo sobre Pesquisa Agrícola Internacional, mais conhecido por seu acrônimo CGIAR, é composto por representantes de países, organizações regionais e internacionais e fundações privadas. O grupo promove o crescimento agrícola sustentável que beneficia os pobres por meio da pesquisa científica em questões agrícolas, florestais, pesqueiras, políticas e ambientais.

Hunger Web
<http://nutrition.tufts.edu/academic/hungerweb>
O Hunger Web é um site acadêmico, administrado pela Escola Friedman de Política e Ciência da Nutrição da Universidade Tufts, que oferece informação geral, resultados de pesquisas e links a pessoas interessadas em conhecer e ter informações sobre o andamento do combate à fome em âmbito local, regional, nacional ou internacional.

Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares
<http://www.ifpri.org>
O Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares tem uma dupla missão: ajudar a desenvolver políticas públicas locais, nacionais e internacionais que levem à segurança alimentar sustentável e a melhorias na nutrição e realizar e divulgar pesquisas sobre políticas alimentares sólidas.

Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
<http://www.fao.org>

Agência irmã do Programa Mundial de Alimentação, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura atua em países desenvolvidos e em desenvolvimento para acabar com a fome no mundo. A organização concentra seus esforços no desenvolvimento de áreas rurais, que, segundo diz, são o berço de 70% da fome do Mundo.

Organização Mundial da Saúde
<http://www.who.int/nutrition/en/index.html>
A Organização Mundial da Saúde é o órgão das Nações Unidas responsável por questões globais de saúde e enfoca a importância da nutrição para a saúde e o desenvolvimento, entre outras coisas.

Parceria para Acabar com a Fome e a Pobreza na África
<http://www.africanhunger.org>
A Parceria para Acabar com a Fome e a Pobreza na África é gerida por líderes americanos e africanos e visa a direcionar o apoio público e privado dos Estados Unidos para acabar com a fome no continente, concentrando o foco no fortalecimento de seus setores alimentar e agrícola.

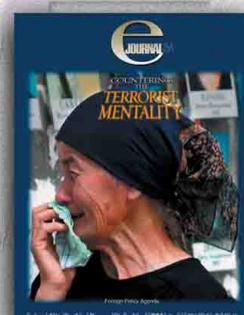
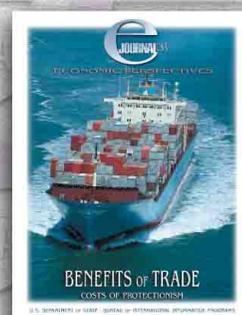
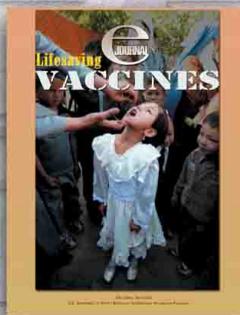
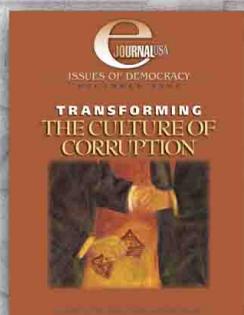
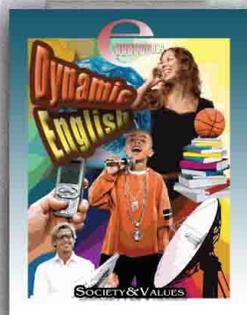
Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas
<http://www.wfp.org/english>
O Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas é líder desse órgão internacional no combate à fome mundial e opera programas que alimentam milhões de pessoas famintas mundo afora. O site da agência inclui um "mapa da fome" interativo que mostra os países em que a fome é mais prevalente.

Projeto de Assistência Técnica em Nutrição e Alimentação
<http://www.fantaproject.org>
O Projeto de Assistência Técnica em Nutrição e Alimentação subsidiado pela USAID e gerenciado pela Academia de Desenvolvimento Educacional trabalha para integrar estratégias de combate à insegurança alimentar e à desnutrição, com foco em mulheres e crianças, e fornece essas informações a governos, organizações não-governamentais e outros grupos que trabalham em campo.

Rede de Sistemas de Alerta Antecipado sobre Falta Extrema de Alimentos
<http://www.fews.net>
Especialistas dos Estados Unidos e da África alimentam dados na Rede de Sistemas de Alerta Antecipado de Fome, o qual monitora e analisa as informações — incluindo dados percebidos à distância e condições locais sobre meteorologia, colheitas e solo — que podem indicar ameaças potenciais à segurança alimentar.



**UMA REVISTA MENSAL
DO DEPARTAMENTO
DE ESTADO COM
INFORMAÇÕES
COMPLETAS SOBRE
OS ESTADOS UNIDOS
EM DIVERSOS IDIOMAS**



VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>